

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, EURICO DUTRA e E. J. PINTO

N.º 113

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1923

Anno X

EDITORIAL

A evolução que se operou durante este ultimo decennio na sciencia chimica, principalmente no que concerne á sua applicação militar, trouxe como consequencia inilludivel, para as nações que prezam a sua independencia e a sua integridade, a necessidade imperiosa de cuidarem com carinho da organisação systematisada desse poderoso elemento de guerra.

O formidavel e generalisado emprego dessa arma durante a grande guerra, a despeito da proibição taxativa consignada na convenção de Haya, servio para demonstrar ao pacifismo incauto e lyrico que, quando uma nação sente a sua honra e a sua integridade ameaçadas, não pôde hesitar um só momento em despir a mascara philanthropica usada no carnaval diplomatico do tempo de paz, sob pena de morrer asphixiada e deshonrada.

Do valor que então foi dado á clausula prohibitiva da convenção de Haya, pôde-se inferir o valor que terá um dispositivo semelhante contido no tratado de Versailles, tanto mais que desta vez as principaes nações signatarias deste tratado só enfiaram meia mascara, pois, antes mesmo de estar bem enxuta a tinta com que o assignaram, trataram de organizar, com fortes dotações de meios, uma apparelhagem chimico-militar sob o rotulo de *serviço de protecção contra os gizes*.

O que se está passando com este serviço chimico defensivo é o mesmo que se passou com a evolução do poder defensivo das couraças. Conseguida uma couraça capaz de resistir á accão destruidora do mais poderoso canhão existente, era logo ensaiado o fabrico de um outro canhão capaz de destruir aquella cou-

raça. E é importante notar que, enquanto a couraça consumia longo tempo para se sobrepor ao mais aperfeiçoado canhão, este em curtissimo prazo adquiria forças para destruir a mais robusta couraça.

Assim, toda vez que fôr obtido um meio de defesa chimica capaz de neutralizar a accão dos mais poderosos toxicos de guerra, os proprios descobridores desse meio, para maior segurança, tratarão de procurar um elemento offensivo capaz de zombar da accão defensiva da propria descoberta.

E como, pela lei natural das coisas, a destruição é sempre mais facil do que a conservação, pôde-se garantir *a priori* que a accão destruidora sobrepujará sempre a accão conservadora dos elementos chimicos de guerra.

Eis, em ultima analyse, o que representa a meia mascara vestida pelo tratado de Versailles e colorida pelo *serviço de protecção contra os gizes*.

Os que acreditam platicamente na phraseologia diplomatica poderão lamentar que assim seja, mas os que, em se tratando da defesa nacional, fazem abstracção do lyrismo impenitente e só aceitam as realidades praticas e moraes, esses só poderão louvar a patriotica previdencia das nações que assim cuidam de sua defesa, lamentando apenas que não o façam todos, sem rebuços, como os Estados Unidos da America do Norte, que mantêm esse serviço, ás escancaras, com o seu verdadeiro rotulo:

«Serviço Chimico de Guerra.»

Estas considerações vem a propósito da gravissima falha de que, a este respeito, se resente a apparelhagem da nossa defesa militar. E' verdade que, sob qual-

quer aspecto, não ha como encobrir a grande deficiencia dessa apparelhagem, mas sob o ponto de vista chimico a ausencia é absoluta.

E tempo, e é mesmo urgente que se cuide deste assumpto.

Alem disso, é preciso salientar que qualquer sacrificio que a nação faça com a creaçao de um serviço chimico de guerra, será fartamente compensado, não só pela maior segurança da sua defesa, como tambem pelo immenso beneficio que um tal serviço proporcionará ao desenvolvimento paralelo de uma infinidade de industrias civis.

Na these apresentada ao «1.º Congresso Brasileiro de Chimica», sob o titulo: «A chimica, nova arma de guerra», pelo tenente-coronel Alvaro de Béthencourt Car-

valho, professor de physica e chimica do Collegio Militar do Ceará, e unanimemente approvada por esse Congresso, o autor, que é um dos rares profissionaes brasileiros devotados a este assumpto, faz estudo succinto, mas nitido e vigoroso, dos diferentes aspectos sob os quaes a organisaçao desse serviço virá cooperar para o engrandecimento industrial do paiz, alem de proporcionar elementos preciosos para a sua defesa militar.

Aliás este é um assumpto sobre o qual não pôde haver controversia.

Aliás é este um assumpto sobre o qual sob todos os pontos de vista, uma necessidade brasileira, e a sua creaçao ficará seguramente assignalada entre os mais notaveis serviços que a alta administraçao da guerra possa prestar á nação.

SOBRE A REFORMA DO ENSINO MILITAR ⁽¹⁾

Até certa época, 1905, os nossos estudios militares sofriam de grave anomalia orgânica, com a parte verdadeiramente profissional asfixiada pela cultura havida encyclopédica: estudava-se matemática á fundo, sem muitas vezes saber «partir a fundo» na escola rudimentar das armas brancas; a táctica era ostensivamente eclipsada pela física e até pela sociologia; compravam-se custosos e interessantíssimos especimenes para estudo completo da gestação, sem um modelo siquérr das pólvoras novas, dos projectéis modernos, do coiraçamento em uso por toda a parte; enfim, preparavam-se arrogantemente legítimos bachareis de farda, com fidalga entrada em todos os centros intelectuais do país e do estrangeiro. Então, honra e glória era ser alferes-aluno, o primeiro e invejado posto da hierarquia na actualidade.

Fui dos primeiros escritores profissionais a combater convencido o errado sistema em prática: *O Soldado*, revista militar de 1893, bem o demonstra. Outros batalhadores surgiram logo depois, de valia bem mais notória, e por 1905 reformava-se o ensino militar, de maneira a satisfazer as mais justas exigências já lembradas.

Não exagero.

O regulamento de 1905 é quase perfeito: separa da teórica ou fundamental a parte verdadeiramente prática, de especialização, ou profissional, justissima aspiração de todos os tempos, dando aquela o propedéutico desenvolvimento e a esta a possível extensão militar; guinda á legítima posição as doutrinas verdadeiramente técnicas, levando ao segundo plano a cultura encyclopédica dos últimos anos da monarquia e dos primeiros da república, soerguendo como deve os ensinamentos profissionais mais interessantes; acaba de vez com o bacharel fardado, sem ferir, de leve siquérr, ao profissional eruditio; equilibra superiormente a teoria e a prática, criando ao mesmo passo o oficial combatente e o técnico; é, em suma, construção irrepreensível, perfeita quase. O obreiro que a planeou era de envergadura não vulgar. Contém, é verdade, alguns defeitos; mas pequeninos, de obra humana. Sem querer ir mui longe, basta assimilar o estudo da estratégia logo no 1.º ano do curso geral e a ausência da astronomia de campanha no 1.º do de engenharia.

Mas nós brasileiros somos dos extremos: ou tudo ou nada. Sem querer experimentar a grande obra, traçada por mão de mestre, e destinada a produzir resul-

(1) Ortografia adoptada: a official portugueza.

tados dos mais benéficos, fomos logo ás do cabo. E em 1913, quando aquela planta majestosa apresentava ao exército seus primeiros frutos — selecta turma de treze rapazes, hoje, sem uma exceção siquér, dos mais distintos capitães de todas as armas, a obra do sábio, varrida pela nortada, sofria fortíssima acutilada, que a prostrou de vez. Substituiram-na por outra contendo todos os excessos, mas em sentido contrário, das construções anteriores. Saímos assim de um excesso para outro: cabisbaixos do excesso teórico, com entrada arrogante no excesso-prático. E deu-se corpo e vulto á maléfica doutrina da asfixia da cultura científica no seio do exército: porque desde logo se odiou a mecânica e o cálculo, a física e o direito, a química e a economia política. A própria balística, a mais militar de todas as doutrinas, porque o soldado em última análise é o tiro, foi tida e havida por matéria civil, e como tal considerada para todos os efeitos!

A prática era tudo, nada cabendo á cultura verdadeiramente propedêutica — a científica.

Como se a prática não fosse sensata aplicação do que a ciência nos ensina!...

Resultado condenável, porque desanimador: o nível mental do exército, tão elevado em o alvorecer do século, bai-xou até onde não mais possível. Só se pensa agora no oficial combatente, á custa exclusiva da cuidadosa leitura de regulamentos. O técnico, o oficial de gabinete, está sem valia alguma. De hoje a poucos anos não mais teremos profissionais para as nossas fábricas e arsenais; não mais saberemos projectar uma ponte ou um canhão; não mais nos será possível determinar com rigor a posição de um ponto importante.

Qual o oficial que em meio á errônea especialização actual, se meterá, por conta própria, a estudar latitude e longitude, pólvoras e artifícios, ferro e máquinas?

Uma vez que só a leitura e a prática dos regulamentos podem dar merecimento, todos a tanto se atiram convencidos. E o técnico morrerá de inanição. Nada mais humano. Se quizessemos hoje dar existência á extinta Comissão técnica militar consultiva, que tantos benefícios nos prestou com Luz, Borges Fortes e Pedro Ivo, lutariamos porventura com

invencíveis dificuldades: porque, a falar com franqueza, só o serviço de tropa nos tem prendido a atenção nestes últimos anos.

Urge emendar em tempo a mão, voltando, não ao sistema teórico de 1890, mas ao eclético regimem profissional de 1905, que, com sensatas modificações, poderá produzir magníficos resultados.

A cultura prática complementar, antes especial, tem que ser ministrada após a educação teórica indispensável. O técnico deve ter tanto valor quanto o oficial combatente: porque um e outro se auxiliam e se completam nos grandes feitos militares.

E, para apurar quanto possível o corpo de oficiais, esteio legítimo dos exércitos bem organizados, é preciso facilitar a entrada na escola militar aos moços das mais distintas famílias, dificultando quanto necessário a aquisição de elementos duvidosos. Eis dois erros graves de passadas administrações:

- 1.º dispensa do exame vestibular;
- 2.º infeliz exigência da caderneta de reservista.

Aquela arrasta consigo mau preparo fundamental; esta afasta do exército moços dos mais dignos, que um dia podiam honrar, engrandecendo-as, as armas combatentes.

Se os meninos dos colégios militares sofressem á entrada na Escola, justo exame vestibular, eles sem dúvida se apresentariam ao exército em melhores condições intelectuais. E aquelas notáveis casas de ensino subiriam de ponto, com o aperfeiçoamento consequente dos pectivos cursos. Só em um caso se faria a compreender a dispensa de tal exame — com a instituição, que parece acertadíssima, do curso annexo, actualmente promissor ensaio no Realengo. No caso contrário, nunca.

Quanto á infeliz exigência de alguns meses de serviço arregimentado, mesmo para os reservistas de segunda categoria, essa medida ingênuia trouxe no bojo grande malefício profissional: porque afastou das fileiras do exército moços dos mais distintos que áí entrariam pela porta larga da escola, mas que nem á mão de Deus padre se abalancariam ao portão estreito do regimento, em contacto com elementos não devidamente se-

lecionados, sobretudo em época perigosa da vida.

Sinteticamente, que o tempo foge e o espaço falta:

Um regulamento que separe a parte teórica da prática, esta subordinada àquela; que dê ao lado doutrinário, por fundamental, acertado desenvolvimento; que institua um só curso geral para todas as armas, especializando-as depois praticamente; que institua o curso técnico de artilharia e também o de engenharia; que exija exame vestibular para todos os candidatos; que dispense, por nociva, a ingênuo exigência da caderneta de reservista, não exigida, nem mesmo agora, dos alunos dos colégios militares; que cuide quanto possível da educação do

coração, fecho da cúpula em todo o edifício educacional; um regulamento, como esse que apresentou ao estado maior o Sr. General J. J. Firmino, virá prestar ao exército em organização serviço de valor inestimável.

Quem estas linhas traça esperançado, para atender ao honroso apelo que se lhe fez gentil, não é louco visionário, em desserviço á classe nobre; mas obreiro modesto que sua vida há dedicado, quase inteira, á educação racional dos moços de hoje, sobre cujos ombros deve repousar amanhã o sólido edifício do exército nacional.

Rio, 1º de Fevereiro de 1923.

CORONEL LIBERATO BITTENCOURT.

Serviços da Intendencia Militar do Exercito Brasileiro

Legalmente autorizado pelo Congresso, o Poder Executivo expediu o Decreto n. 14.385 de 1 de Outubro de 1920 que organizou o Serviço de Intendencia da Guerra no Brasil, discriminando-lhe as principais atribuições, tanto na paz, como na guerra. No primeiro destes períodos, tem-se naturalmente em vista a organização e a preparação methodicas dos Serviços que, no segundo, devem funcionar sem falhas notaveis.

E' um aphorismo incontestavel de toda a boa administração militar que *esta não deva differir radicalmente, na paz, daquelle que, na guerra, se terá de praticar*. Apenas os Serviços correspon-

entes variarão de intensidade, porque a realização das previsões dos planos de operações, como a das correntes dos transportes de provisões e de evacuações, reclamadas pela satisfação das enormes necessidades dos Exercitos em campanha, apresentam proporções e urgencias que exigem esforços e sacrifícios gigantescos da parte dos Serviços Administrativos ou Provedores. E', porém, na paz que se instrue, com antecedencia e calma suficientes, o pessoal que tem de organizar, dirigir e executar todos os serviços technicos e especiaes de qualquer ramo da Administração Militar. Com os elementos, órgãos e material á sua disposição, este pessoal se treina e se familiariza, em continuos exercícios, com suas

funcções; de sorte a se tornar capaz de convenientemente desempenhar seu importante papel, no momento em que a Patria tenha de lhe exigir qualquer sacrificio.

Eis porque o alludido Decreto de 1 de Outubro de 1920 assignala, entre os primeiros deveres da Intendencia da Guerra, a constituição, *desde o tempo de paz*, do seu pessoal de actividade e de reserva; a preparação e mobilisação deste pessoal e do material correspondente; a formação, conservação e renovação das reservas de guerra em viveres, forragens, fardamento, equipamento, arreiamento, material de acampamento, combustiveis e até em meios de transportes, etc., como a organização e preparações detalhadas do complexo Serviço de Reabastecimento Nacional que é, por excellencia, o grande e verdadeiro fornecedor dos Exercitos em campanha.

A necessidade desta especialização de funções em qualquer ramo da technica administrativa do Exercito se acha mencionada em todos os nossos mais importantes Regulamentos Militares, como, por exemplo, R/S/C. e R/O/G/S/E. Sentida apenas, ella só tem sido até agora praticamente admittida até certo ponto nos Serviços de Saúde, Engenharia e Aeronaútica; pois, até no do Material Bellico a especialização se encontra ainda em embryo.

Os Serviços da Intendencia da Guerra, que directamente interessam a vida material da Nação em Armas e sem os quaes será tão impossivel sustentar qualquer campanha como quando faltam, aos soldados, munições para suas armas de guerra, não têm até hoje merecido a cuidadosa attenção dos illustres Camaradas de armas. Talvez resulte isto de nenhuma grande guerra ter ainda felizmente affligido a nossa amada Patria.

A guerra do Paraguay foi, sem duvida, uma luta heroica de nossos dignos antepassados; mas innegavelmente ella apenas apresentou o aspecto de uma grande peleja, travada á moda antiga, por limitados exercitos, sem a encarnação de todas as forças vivas das Nações empenhadas e que venceram sem o exgottamento de seus recursos economicos e financeiros, como sóe quasi sempre acontecer nos tempos hodiernos.

Agora, por exemplo, a velha Europa acaba de mostrar-nos o que é a guerra moderna.

Não se contam mais Exercitos que isoladamente se debatem nas fronteiras ou no interior de uma Nação; é esta toda inteira, utilizando todos os seus recursos economicos e financeiros, que se empenha numa luta formidavel de vida ou de morte!

Assim, pois, nosso Exercito da paz, embora minusculo, deve ter, em germe, em estado potencial, todos os orgãos que o tornem capaz de, em momento dado, efficazmente enquadrar, sob as armas, a Nação inteira.

Por outro lado, no doce socego internacional em que nos achamos, nosso pequeno Exercito, com seus effectivos reduzidos e disseminados pelos centros ou cidades de maiores recursos do nosso vasto e rico territorio, sem que a probabilidade de uma mobilisação geral, sob a pressão de inimigo forte e apparelhado, venha arrancal-o da sua quietude relativa, não pôde realmente sentir maior falta dos verdadeiros Serviços de Intendencia da Guerra.

Sem mesmo bem avaliar da importancia destes, a sua despreocupação chega a confundil-os com o simples serviço de contabilidade e gestão internas das massas nos Corpos de Tropa. Isto é tambem devido a somente este ultimo serviço estar, de ha muito, divulgado no seio de nosso Exercito.

Sem lhe obscurecer o valor, queremos aqui somente accentuar a diferença que, entre elle e os Serviços de Intendencia da Guerra, existe.

Aquelle é um serviço proprio á economia interna dos Corpos de Tropa, não demanda conhecimentos especiaes de grande monta; pois é bastante estar ao corrente de nossa legislação militar, conhecer os regulamentos e modelos de escripturação, para não ser difficult manter em dia o estado financeiro de cada corpo ou unidade do Exercito.

Ao passo que os Officiaes de Administração devem ser profissionaes especialistas, technicos que conheçam, em seus menores detalhes, o valor alimentar de cada substancia nutritive, o modo de conserva-a, de transforma-la, etc.; como a maneira de confeccionar tecidos, calçados, etc.

Obrigados a fiscalisar, sinão a executar todas as confecções, quando collocados á frente das fabricas e estabelecimentos industriaes que o Governo pôde requisitar em caso de guerra, os Officiaes de Administração devem, além destes conhecimentos, ser tambem versados em todos os methodos e regras praticas de contabilidade, porque desta se incumbe nos Quarteis Generaes das grandes unidades em campanha.

Os Intendentes da Guerra não sómente devem possuir estes mesmos conhecimentos, como dirigentes e fiscaes de todos os Serviços da Administração Militar, mas ainda são obrigados ao estudo da estrategia e da tactica dos reabastecimentos. Direito Publico, direito criminal, direito internacional, commercial, etc. economia politica e finanças, nada disto lhes pôde ser desconhecido, porque lhes incumbem a execução de requisições no Paiz e nos territorios conquistados, a administração destes e dos prisioneiros de guerra, etc.

Nada é mais simples do que alimentar grupos de mil e até de dois mil homens estabilisados em centros industriaes e commerciaes como acontece com os nossos actuaes regimentos.

Isto mais se accentua considerando o regimen das rações preparadas, que infelizmente só dá rendimento em tempo de paz.

Si, porém, considerarmos os enorme effectivos das grandes unidades em campanha, tudo mudará de face.

As dificuldades serão vultuosas e previsões assentadas por capacidades especialistas e treinadas no assumpto se tornam por certo, indispensaveis.

Outro tanto se poderá afirmar quanto aos fornecimentos de fardamento, arreiamento, calçado, material de acampamento, etc.

A descentralisação da administração militar em nosso immenso Paiz é uma coisa que se impõe, afim tambem de mais nos approximarmos daquillo que se pratica na guerra; pois, em campanha, cada exercito se administra separadamente.

A Intendencia da Guerra facilitará este *desideratum* na paz, pela criação dos seus Estabelecimentos Central e Regionaes de fardamento, equipamento e arreiamento, como pelos armazens de viveres e forragens do seu Serviço de Subsistencias.

Basta, pois, ampliar os poderes administrativos dos Commandantes de Regiões, quanto ás suas ordens de distribuições, diversas aos corpos de tropa, para que estes corpos possam logo ser attendidos, dentro das possibilidades de occasião, com os suprimentos que suas necessidades reclamem.

O régimen das massas é de grande vantagem, mas torna-se indispensavel a atribuição de uma destas ao titulo das despezas diversas, afim de que parte da etapa do soldado não continue mais a ser distraida para outros fins que não os relativos á alimentação de cada homem.

Este facto representa uma inverdade financeira, pois o Estado despende sempre mais do que realmente é necessário para alimentar cada soldado.

A parte estas criticas, que a actual instituição da Intendencia visa suprimir pela organisação e funcionamento completos de seus novos serviços, pode-se, em rigor, dizer, com certa logica, que, em tempo de paz e considerando nosso pequeno Exercito, apenas como força policial da União, distribuida por limitados contingentes quasi estabilizados, realmente será possivel abastecel-o, como effectivamente tem acontecido até bem pouco, sem a existencia de um verdadeiro Serviço de Intendencia da Guerra.

Não é todavia, somente para fins policiaes, exigidos pela manutenção da ordem interna, que nossa Patria mantem

um Exercito, cujo principal destino é apresentar-se sempre em estado de poder enquadrar toda a Nação em armas, logo que esta presinta sua honra, dignidade, independencia ou integridade ameaçadas por qualquer perigo externo.

Disto resulta então a necessidade em que se está de manter um Exercito com todos os seus Orgãos e Serviços que, embora rudimentares, conservem-lhe o potencial capaz de permitir na occasião precisa, dar-lhe a pujança conveniente pela mera incorporação de reservistas.

Declarada a guerra, a mobilisação geral do Exercito deve-se fazer na menor de longa possivel.

Nesta occasião, o numero de seus officiaes se multiplicará talvez por 10; o de homens e cavallos por 100 ou mais e as diversas organisações militares ou militarizadas analogamente se têm de multiplicar.

Como, pois, a Intendencia da Guerra que deverá prover as necessidades da Nação em Armas, no concernente aos reabastecimentos de viveres, forragens, fardamento, arreiamento, material de acampamento, combustiveis, etc., que terá de dirigir todo o escalonamento de stocks e correntes dos transportes destes reabastecimentos, como as das evacuações, de sorte a libertar os Commandos Superiores das Zonas de Guerra e do Interior de todas as preocupações de uma tal ordem, como, dissemos, poderá a Intendencia da Guerra desempenhar tão complexas funcções, aliás mencionadas em nossos regulamentos (R/O/G/S/E.), si ella não tiver existido, preparado previsões e funcionado desde o tempo de paz?

Além destas pesadas atribuições, compete ainda á Intendencia da Guerra em campanha, a gestão financeira e a distribuição, sob as ordens do Commando em Chefe, de todos os creditos que o Governo concede a um Exercito em seu theatro de operações para o funcionamento dos seus varios serviços: Material Bellico, Engenharia, Intendencia, Saúde, Aeronautica, Automoveis, Comboios de Estradas, Caminhos de ferro, etc.

A previsão de receitas e despezas, a distribuição de verbas, a verificação de contas e da escripturação dos Corpos, tudo é controlado pela Intendencia.

O R/O/G/S/E. dá a responsabilidade e a direcção destes serviços, no Exer-

cito, a um General de Brigada Intendente da Guerra. Elle tem sob suas ordens directas Intendentes da Guerra, Officiaes e Tropas de Administração.

Os primeiros auxiliam-no em trabalhos de direcção e de fiscalização; os segundos executam as ordens que emanam daquelles chefes.

Serviços tão complexos e de tanta importancia e responsabilidade devem ser organisados com muito methodo. Para a boa organisação dos serviços é preciso, antes de tudo, que pessoal, meios de transporte, materiaes diversos e stocks de previsões se encontrem em seus logares, com toda a oportunidade, em vista do movimento ou estabiliseração das tropas a reabastecer.

Quanto ao pessoal de não importa que Serviço, mas com especialidade o da Intendencia da Guerra, deve elle corresponder aos dois grupos de funcções: de direcção e de execução ou, como diz o Coronel Buchalet: funcções de conjunto

e funcções de detalhe ou a cabeça e os braços da accão administrativa.

As grandes industrias e emprezas commerciaes seguem este mesmo metodo de administração: Directores, Chefes, financeiros ou mestres technicos que organisam planos, architectam projectos, cuja execução é confiada a especialistas, operarios que executam ordens.

Tal é o principio que serve de base á formação do Corpo de Intendência da Guerra, o qual se decompõe nos dois quadros: Quadro de Intendentes da Guerra e Quadro de Officiaes de Administração; o primeiro com as funcções de direcção e fiscalização, o segundo com as funcções de execução e gestão. Naturalmente estas ultimas requerem o auxilio de um pessoal puramente manobreiro que é o das Companhias de Administração.

ABRILINO PINTO BANDEIRA,

Coronel Intendente da Guerra.

A INFANTARIA NA ENGENHARIA

Em artigo anterior sób a mesma epígrafe, tive occasião de commentar disposições do Regulamento de Infantaria, não só para demonstrar a necessidade de um estudo afim de o adaptar á engenharia, como para demonstrar que elle era possivel de correcção mesmo em pontos applicaveis ás duas armas.

Apesar da nota de protesto que a illustrada redacção de «A Defesa» apôz ao meu obscuro artigo, eu não vejo motivo para retirar nenhuma das criticas alli exaradas, por mais que reflecta sobre estas e por maior desejo de me corrigir de erros commettidos. É a prova de que não eram sem fundamento algumas das objecções, temol-a palpável deante da 2.^a edição desse regulamento (1.^a parte) e que acaba de ser distribuida aos corpos, obrigando cada um de nós á despesa de mais 1\$100, custo do novo exemplar. Assim, para citar apenas um dos pontos criticados — o do discurso de muitas palavras, para commandar a simples mudança de direcção de marcha — basta comparar os extintos artigos 104 e 105 da primeira edição (1920) com os seus substitutos legaes 101 e 102 da segunda

e última edição (1922). E ainda me parece indispensavel acrescentar alguma coisa ao n.^o 101 para que a conversão seja limitada sempre a 90°; o trecho correspondente do n.^o 101 tomaria a seguinte redacção:

«Sempre que faltar o ponto de referencia acima mencionado, ou em formaturas de exercicio e de ordem unida dentro das cidades, e se desejar fazer uma conversão, dar-se-á o commando direcção á direita (esquerda) — marche fazendo a indicação de acordo com o n.^o 37, se o commandante da força estiver á frente. Se o commandante ou instructor não estiver em forma, á frente da tropa, deve-se comprehender que a voz de execução os primeiros elementos da columna farão uma conversão de 90° proseguinto a marcha em uma direcção perpendicular áquelle em que vinham.

Parece melhor esta solução do que o commando «Em frente — marche! quando a testa da columna houvesse tomado a nova direcção pretendida.

Foi pena que a nova edição tivesse *in totum* as mesmas deficiencias

e as mesmas disparidades da 1.^a edição, deixando de pé a critica feita quanto á instrucção da companhia e do batalhão. Assim que recebi o meu exemplar, procurei logo ler o n.^o 188 e ainda notei que se não determinava o lugar do fiscal do batalhão: segundo as instruccões anteriores, deve elle collocar-se á direita do commandante e em posição symetrica á do ajudante; mas o facto é que a nova instrucção não diz (como não diz onde vai a Bandeira!) onde deve formar o fiscal — o que no meu tempo de alumno praça de pret costumava definir-se por uma *rata*...

Ha ainda pontos vulneraveis como os já apontados e que merecem immediato correctivo, pois estão dentro da alçada de qualquer sapateiro como eu quando defronte e analyse uma obra prima de Appelles...

A fl. 163, para definir as formações do batalhão, estabelece o n.^o 184:

d) A *columna por quatro*, formação normal de marcha a que o extinto regulamento chamava *columna de estrada*, denominação que o «novissimo» achou inconveniente manter...

c) A *columna de companhias* ou *columna de batalhão*, as companhias umas atrás das outras, em linha de pelotões por quatro.

b) A *linha de companhias*, as companhias umas ao lado das outras em linhas de pelotões por quatro.

a) A *columna dupla* (formação normal de reunião) as companhias em linha de pelotões por quatro (?!).

Francamente, a mim se me afigura um enigma a decifrar esta columna dupla, tal como a descreve o regulamento. Quer-me parecer que a columna dupla deva ser formada pelas companhias duas a duas, formando elementos da columna, mas não está alli esclarecido, como é preciso e imprescindivel.

Além disto, tratando-se de evoluções de ordem unida, não sei porque permitir-se a columna de companhias e não consignar a columna de pelotões e mesmo a de grupos. Ahi houve o criterio do tudo ou nada; ou columna com elementos de companhia em linha de pelotões; ou columna por quatro!

A posição tambem da banda de musica, se houver, a da de corneteiros e

tambores, na ordem unida, não deve ficar á vontade e *conforme as ordens recebidas*, 10 passos á frente do commandante de batalhão ou 10 passos á retaguarda da ultima fileira da unidade que marchar na cauda (n.^o 188); mas precisa ser definida (normalmente á frente) embora sujeita a outra posição, se o commandante entender de a modificar, mas, neste caso, mediante indicação de comando, tal qual como nas hypotheses — por exemplo — de determinar que a esquadra n.^o 2 desfile pela esquerda da de n.^o 1 para passar da columna por um, para a columna por dois; ou que para passar da columna para a linha o 2.^o elemento da columna entre pela esquerda, em vez de o fazer pela direita, como no caso normal, etc., etc.

Emfim, tenhamos sempre em mira as idéas captaes tão bellamente expostas no relatorio — introdução, do Regulamento de Infantaria, onde está bem nítida a separação entre as formações de combate e as de parada; por outras palavras, os exercícios de *maneabilidade* e os de *ordem unida*. Tenhamos, em consequencia, bem presente que só se attinge o objectivo da ordem unida quando se consegue que os movimentos executados pela tropa sejam perfeitamente uniformes, rápidos, elegantes, sincronicos; donde a necessidade de os igualar obrigatoriamente em todos os detalhes. No capítulo, pois, do Batalhão seria mister separar o que diz respeito a cada uma dessas sub-divisões essenciaes — maneabilidade, combate; ordem unida, parada —. E para os exercícios de ordem unida é então, como se vê, inadmissivel a dualidade de soluções que comporta o final do n.^o 190:

«... os capitães conduzem suas companhias ao lugar que devem ocupar na formação ordenada, mas tambem podem ir collocar-se nas posições que lhes competem em formação do batalhão e reunil-as atrás de si».

O regulamento de tiro de infantaria que, a não fazer parte do de instrucção dessa arma, deveria constituir um de seus annexos, por uma questão elementar de uniformidade, obriga a arma de engenharia (Annexo n.^o VI no final do R. T. I.) á execução dos tiros de instrucção, ficando, porém, os mesmos facul-

tativos para os officiaes e, quanto á dotação especial de munição, estabelece que os batalhões de engenharia ficam em condições identicas aos batalhões incorporados da infantaria. Está muito bem, visto que as tropas de engenharia na guerra não devem ser utilizadas como combatentes de infantaria, o que desvirtua a função de engenharia, que comprehende principalmente estabelecer e melhorar toda a especie de comunicações e secundariamente executar, quer na defensiva, quer na offensiva, as obras de maior vulto e que apresentem difficultades technicas especiaes. D'ahi, entretanto, se infere que o official de engenharia tenha obrigação de manusear e applicar o R. T. I., o que justifica a inclusão, neste artigo, das considerações que se seguem.

A 2.^a edição deste regulamento (1919) é a que está em uso na tropa e já apresenta modificações em relação á edição anterior, mas conserva a seriação das posições de tiro mais ou menos como nesta ultima.

Os atiradores são distribuidos por tres classes: os que iniciam o tiro ao alvo de instrucção são os de 2.^a classe; os que satisfizerem as condições das 11 series de 2.^a classe (3, de 3 tiros cada uma, de exercícios prévios a 150 m.; mais 8, de 5 tiros, a 200, 300 e 400 metros — tudo conforme o quadro de fls. 34, nas posições e com os alvos alli indicados) passarão para a 1.^a classe, donde ascenderão á classe especial através de 8 series (segundo o quadro de fls. 35) em cuja classe ainda será submetido a nove exercícios (quadro de fls. 36).

Devendo-se partir sempre — em tudo quanto se refere ao ensino theorico ou pratico — do simples para o composto, do mais facil para o mais difficult, gradativamente, acho inteiramente descabido iniciar a instrucção de tiro com o alvo de zonas circulares com silhueta (Z. C. S.) pintada esta em cõr avermelhada sobre fundo branco.

Habitualmente na guerra e em acção de combate, os objectivos hão de apresentar-se ao atirador de infantaria, imprevistos e fugazes, como se apresenta á linha de mira do instruendo a silhueta do Z. C. S.; mas, tratando-se de ensinar o homem a atirar, o logico seria utilizar exclusivamente, para os atiradores de 2.^a classe, isto é, os principiantes, o alvo de

zonas circulares (Z. C.) com as duas corôas centraes em negro sobre fundo branco. O Z. C. S. seria então applicado aos exercícios de atiradores de 1.^a classe; e o T. I. 400 aos da classe especial, com a sua complicação de tres siluetas...

E' sem duvida alguma muito mais facil dirigir a linha de mira para um circulo negro bem destacado ao centro de um alvo branco, o que permite melhor e mais rapidamente ao atirador consciente, eliminar os erros de pontaria proprios de sua «equação pessoal», do que fazel-o com o Z. C. S., onde não ha um ponto como o ponto negro, que é a imagem geometrica bem nitida que se apresenta ao atirador, mas uma zona meio escura, como uma mancha de barro avermelhado, diluida e tão imprecisa que mal a vista lhe apprehende os contornos, mesmo á distancia de 200 metros e nas condições mais favoraveis da atmosphera como do individuo. Como aprende a apontar bem, se não ha um ponto visar, mas uma superficie que não se sabe bem onde começa e onde acaba. Depois de aprender com o tiro real sobre o alvo Z. C.; aperfeiçoar o atirador da classe mais elevada, em alvo mais difficult e mais real; digamos finalmente, tornal-o eximio, com exigencias maiores quando elle passar a atirador de classe especial — tal o programma que se me figura attender á necessidade pedagogica de conduzir o instruendo pela escala da complicação crescente.

Nas condições para o fuzil, logo á 3.^a posição exige-se *arma livre, atirador de pé*.

E' um salto como os não dá a natureza, estabelecer, logo no inicio da instrucção, a mais difficult de todas as posições. Supponho que, logicamente, essa posição (de pé, arma livre) não deveria fazer parte nem do programma de exercícios de 1.^a classe, mas exclusivamente reservada aos ultimos exercícios da classe especial. O tiro de pé com arma livre é quasi um tiro de «sport», inteiramente inapplicavel na guerra, mas que serviria para seleccionar na ultima etapa do tiro de instrucção os atiradores eximios.

Finalmente, não encontro as razões de alta sabedoria que dictaram as condições a preencher pelos atiradores para passarem de classe e para passarem de uma posição para outra subsequente. Para que

fim complicar essas condições com coisas desta ordem: «nenhum tiro abaixo de 7 ou 25 pontos, neste caso nenhum tiro abaixo de 5»? — Conforme o duplo objectivo a attingir, quando se tem em vista avaliar o aproveitamento dos disparos sobre o alvo, ou se deve fixar a zona de tolerancia para o preenchimento das condições de uma determinada posição (nenhum tiro abaixo de 7, por ex.) ou a media dos pontos a obter, caso em que é preciso alliar ao minimo da somma dos pontos, a condicional do n.º de impactos exigidos (25 pontos, 5 impactos, por ex.).

Na guerra, como no preparo para a guerra, deve-se rejeitar sempre as soluções complicadas para nos atermos, tanto quanto possível, á soluções mais simples.

Estariam bem seriadas as condições exigidas pelo regulamento desde que se omasse apenas o limite minimo de pontos alli determinado, fixando-se em 5 o numero de impactos desde tiros a 150 m. até 300 m. inclusive; em 4 para 400 m.; ou estabelecendo apenas o ponto minimo a obter por tiro, por exemplo:

- 1.º) — D. a. a. — Z. C. — Nenhum tiro abaixo de 7.
- 2.º) — D. a. l. — Z. C. — Nenhum tiro abaixo de 6.
- 3.º) — J. — Z. C. — Nenhum tiro abaixo de 4.

para os exercícios previos de 2.ª classe, com fuzil; e assim por deante.

A condição accrescida para uma das provas de cada classe de tiro para a 10.ª posição na 2.ª classe; 7.ª na 1.ª classe e 9.ª na classe especial; relativa á efficacia combinada com a velocidade do tiro, poderia permanecer distribuida assim pelas 3 classes, se não fosse preferivel estabelecer-a só para diferentes posições da classe especial; mas, em qualquer hypothese, por favor, se o pente tem 5 cartuchos, faça-se, como é natural, carregar a arma com os 5 de uma só vez, reduzindo por isto quantos segundos queiram no tempo exigido, mas ponha-se de lado a estranha «aventura» de começar o exercicio com a arma préviamente carregada apenas com tres cartuchos!?

MAJOR AMILCAR A. B. DE MAGALHÃES.

O Official de Estado Maior

SUA CULTURA

(Continuação)

O nadador desenvolve de tal modo a sua coragem, sangue frio e calma que elle se transforma em um homem extraordinariamente apto para a luta. O habito de encarar as grandes distancias, mesmo com mar agitado, converte o homem em uma criatura ponderada e destemerosa.

Concordo que tudo que foi dito acima é de certo modo interessante, porém, alguns camaradas forçosamente terminarão por classificar-me como um exagerado.

Tenho plena convicção que, apesar de apaixonado pelos desportos, nunca julguei com elles os meus estudos e afazeres de ordem militar.

Confesso que devo a boa disposição que goso para o trabalho e o estudo, à prática dos desportos.

Estas modestissimas linhas são traçadas com o intuito de cooperar de algum modo para a cultura completa de um

official de E. M. Sempre tive certa compaixão pelo juizo que se fazia antigamente desta classe de officiaes, pois, havia convicção de que se lidava com pessoas obesas, enraizadas aos habitos de burocracia.

O official é um typo seleccionado, como muito bem affirma o cap. de fragata Castex, e o official de E. M. é um seleccionado entre os proprios officiaes.

Logo, si elle é um seleccionado, eu o vejo debaixo do seguinte aspecto:

«Grande cultura intellectual, extraordinaria capacidade de trabalho, facil de conformar-se com o soffrimento que deve procurar amenizar com o bom humor, muito trabalhado pelos desportos (segundo a idade), o que quer dizer sempre prompto á cumprir as mais delicadas missões de exterior e principalmente aquellas que se realizam á noite. Muito sobrio e muitissimo modesto, sem deixar entretanto transparecer timidez em suas

affirmações; a estes predicados deve reunir uma forte discreção, não deixando todavia de ser muito curioso.

Suas opiniões devem ser de tal modo fruto de uma precisão e segurança no conhecimento dos assuntos, que venham a convencer fortemente e sem a mais leve dúvida qualquer um camarada de tropa ou mesmo de função. Concisão absoluta é um elemento de alto valor e indispensável á um oficial de E. M.

Deve entretanto manter no mais alto grau o seu espirito de camaradagem, tornando-se sempre que possível uma fonte de informações á seus camaradas e de facilíssimo acesso. É imprescindível que mantenha uma correção impeccable em seus uniformes, porém, uma das suas maiores preocupações deve ser a de

mostrar-se um individuo com a *fina educação*, não deixando transparecer nos seus menores gestos a deficiencia deste predicado, que lhe é absolutamente indispensável.

A educação e a sociabilidade, o oficial deve procurar cultivar com um carinho tão meticoloso que o faça distinguir no meio em que viver.

A leitura de fino gosto e o convívio em uma sociedade culta terminarão em aprimorar em qualquer homem este dote.

O seu aspecto e a sua presença devem inspirar nos companheiros a confiança e a sympathia.

Eis o que penso sobre a cultura de um oficial de Estado Maior!

CAP. FRANCISCO FONSECA.

DOIS MINISTROS

Em 1880, exercia pela segunda vez, interinamente, a pasta da Guerra o conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, barão Homem de Mello, ministro do Imperio, em substituição ao tenente-general Visconde de Pelotas.

Homem de talento, de actividade invejável, de infatigável dedicação, entusiasta pela ciencia e pelas artes, continuou o Barão, no novo regimen, a prestar os seus serviços com a mesma dedicação patriótica de estadista, parlamentar, administrador e professor consciencioso.

Já quasi cego, ainda nos seus últimos dias, era um dedicado e laborioso obreiro, por tudo interessando-se e colaborando, com a mesma vivacidade de seu infatigável amor de brasileiro útil á sua pátria.

Levando ao Imperador os papeis de sua pasta no dia do despacho collectivo, entre estes, um decreto nomeando ministro do Supremo Tribunal Militar um general, que possuía todos os requisitos para este elevado cargo, de merecimento reconhecido e testemunhado pelo próprio Barão quando presidente do Rio Grande do Sul, organizou o 2º corpo de exercito que marchou para o Paraguai, o Imperador, que tinha um candidato aulico que havia feito sua carreira com menos serviços, e votando também má vontade ao candidato do ministro, ao passar-lhe o decreto, fazendo a exposição elogiosa dos méritos do general, seu candidato, o Imperador, como

de costume, com todos os ministros, quando rejeitava qualquer decreto, passou-o para o lado opposto da mesa, indicando a sua rejeição.

Homem de Mello, que viu neste acto, do Imperador uma desconsideração e uma injustiça, resolveu deixar a pasta e não compareceu mais à despacho, até que foi substituído na sua interinidade pelo tenente-general Visconde de Pelotas, dias depois, ficando assim confirmado o conceito do grande estadista Eusebio de Queiroz: «No Brasil só se podia ser ministro uma vez.»

Sciente do ocorrido, o Visconde de Pelotas levou o decreto rejeitado ao primeiro despacho, que sofreu a mesma impugnação, mas que acabou recebendo a assignatura imperial, porque o ativo e energico general declarou, com a sua franqueza de soldado valoroso, que ninguém poderia competir com o seu candidato e do seu antecessor, por elles pessoalmente conhecido e admirado.

O Visconde de Pelotas, o heroe de Aquidaban, promovido a marechal em 1890, foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul, de onde era filho, e a elle já me referi quando salientei o papel patriótico que desempenhou no Senado nas vésperas da proclamação da Republica, da qual foi ainda um leal servidor.

Faleceu no Rio de Janeiro.

O Barão Homem de Mello foi sempre admirador do nosso exercito, do qual era coronel honorario, como lente do Collégio Militar, cargo que aceitou em 1888, quando organizado o Collegio, concorrendo para educar muitos dos nossos officiaes de terra e mar, que tributam á sua memória sinceras provas de admiração e respeito.

Este episodio me foi relatado pessoalmente pouco tempo antes do seu falecimento, que se deu aos 80 annos de edade, em 1920 no Rio de Janeiro.

A veneranda reliquia, ornamento que ainda restava do Imperio, era natural de São Paulo, e tambem estava ligado á tradição paulista o marechal José Antonio Corrêa da Camara, senador e Visconde de Pelotas, neto do 1.º Visconde de Pelotas, marechal Propício Corrêa da Camara, e genro do conselheiro Jose Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, notável estadista do Imperio.

MARECHAL CARLOS DE CAMPOS.

UMA SESSÃO DE TIRO NA SALA DO 8.º R. A. M.

Durante a estadia do T. Cel. Pascal e Cap. Courant no 8.º R. A. M., no mes de Janeiro ultimo, realizou-se um interessante exercicio de tiro, destinado a familiarizar os officiaes do regimento com o jogo da dispersão. O que de curioso apresentou esse exercicio, foi o facto de ter sido utilizado um canhão-mudo, permittindo o seu funcionamento no Casino do regimento.

Como veremos mais adiante, esta original escola de fogo é de realização facil, podendo ser executada pelos de-

mais camaradas das outras unidades de artilharia, com grande proveito para a instrução de tiro, pois que tales exercícios substituem em parte o tiro real dos campos de instrução, resolvendo até certo ponto as dificuldades que habitualmente pesam sobre os corpos de artilharia: munição e terreno disponível.

Comecemos pela descrição do material de tiro. A figura n.º 1 revela imediatamente a sua simplicidade.

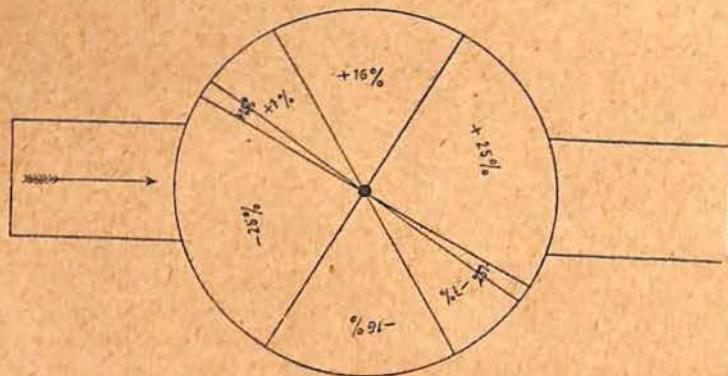


Fig. 1

O canhão-mudo (constructor Cap. Courant) consta de um círculo de papelão (diametro approximado = 0m.15), podendo girar horizontalmente em torno do seu centro, sobre uma pequena taboa. Nesta taboa, uma seta desenhada serve de indicador.

O círculo de papelão tem a superficie dividida do modo seguinte: um diametro serve de linha de separação dos tiros

longos e curtos; em cada semi-círculo assim formado, traçam-se sectores de dimensões proporcionaes aos numeros de tiros provaveis em cada zona de um rectangulo de dispersão: 25 % (que corresponde a $1/4$ de círculo), 16 %, 7 % e 1.5 %.

Eis ahi o canhão; logo á primeira inspecção, dá idéa de uma roleta e, realmente, não é nada mais que isto.

O seu funcionamento é intuitivo: faz-se girar a *roleta*; o numero do sector que parar em frente á setta-indicadora, dirá se o tiro foi *longo* (+) ou *curto* (-), e se foi longo ou curto de 1 desvio provável (sectores dos 25 %), de 2 desvios prováveis (sectores dos 16 %), de 3 desvios prováveis (sectores dos 7 %) ou de 4 desvios prováveis (sectores dos 1,5 %).

O canhão-mudo resolverá da mesma maneira as questões de *direcção* e *altura de arrebentamento*, informando de quanto o tiro foi á *direita* ou á *esquerda*, e de quanto foi *alto* ou *baixo*.

Quando a setta ficar em frente a uma das extremidades do diametro que separa os tiros longos dos curtos, significará que o tiro foi *no objectivo*.

Para se organizar uma escola de fogo na sala, desenha-se em uma folha grande de papel o rectângulo da dispersão correspondente á distância do objectivo, dada pela carta ou arbitrada pelo director do exercicio; as dimensões dos desvios prováveis em alcance de direcção (e em altura, quando fôr o caso do tiro de tempo) são fornecidas pelas tabellas de tiro, e a escala adoptada deve ser grande (1/1.000, por exemplo, para facilitar as construções graphicas).

O ponto médio do rectângulo representará o *ponto de regulação*; o prolongamento do eixo longitudinal do rectângulo indicará a *direcção* em que se encontra a peça ou a *linha de observação*, quando esta fôr axial; nos casos de observação lateral traçam-se, a partir do ponto médio, as linhas que definem as respectivas linhas de observação.

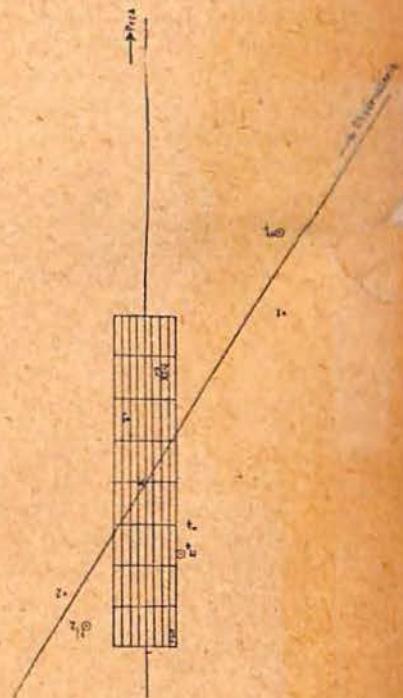
O commandante do tiro deve ficar separado do resto do pessoal participante do exercicio; convém mesmo que se isole em uma sala diferente, ligada por um telephonio de campanha á sala onde estão reunidos os demais officiaes, em torno da folha que recebe os desenhos acima descriptos. O commandante do tiro unicamente receberá por telephonio as indicações que a observação lhe forneceria na realidade, e transmite por este meio os seus comandos, que são comunicados aos assistentes.

Dados os comandos iniciaes para a abertura do tiro (comandos arbitrarios cu resultantes de uma preliminar exercicio de preparação regular), o director do exercicio fixa arbitrariamente no de-

senho a posição do ponto *M*, *ponto de partida em relação ao ponto de regulação *M**.

Faz-se partir o primeiro tiro, isto é entra em função a *roleta*, uma primeira vez para o alcance e uma segunda vez para a direcção (e mais uma terceira vez, tratando-se do tiro de tempo). Imagine-se que na primeira vez a setta tenha indicado o sector + 16 %, e na segunda vez — 25 %: quer isto dizer que, em relação ao ponto *M*, o tiro foi *longo* de dois desvios prováveis em alcance e á *esquerda* de 1 desvio provável em direcção.

Então, tomado-se o ponto *M¹*, para origem e com estas dimensões tiradas do rectângulo de dispersão, encontra-se o ponto *t*, que representa o *ponto de queda* do primeiro tiro.



O director do exercicio faz comunicar por telephonio ao commandante do tiro o supposto resultado da observação; o simples exame da posição do ponto *t* em relação ao ponto de regulação *M*, dirá si o tiro *t* foi curto ou longo; tirando-se de *t* uma perpendicular à linha de observação e sabendo-se a distância (fixada pelo director) em que chega o observatorio, têm-se os elementos para annunciar: á *direita* ou á *esquerda* tantos millesimos.

Do mesmo modo que em um tiro real, commandante do tiro deve ter os dados necessarios sobre os observatorios (distâncias ao objectivo, angulos de observação) para que esteja em condições de transformar os resultados da observação em elementos utilisaveis nos novos commandos.

Esses resultados são transmittidos como em combate, bem como os commandos de tiro; d'ahi a vantagem de solar o commandante em uma sala e igual-o por telephonio á mesa onde se encontram o canhão e o objectivo; por este meio evitam-se as explicações inuteis.

Cenhecido o resultado do primeiro tiro, o commandante formula os elementos para o segundo, de acordo com o processo de regulação que está sendo exercitado, e os transmite para o canhão. Com estes novos dados e partindo-se do ponto médio M_1 , faz-se a construção graphica para ser encontrado ponto médio M_2 , transformando-se os

mentos numericos commandados em planadas rectangulares com origem no centro. Si as alterações no angulo de elevação, são commandadas em milles ou gráos e minutos, as tabellas de tiro fornecem os elementos para a transformação em metros na distancia considerada.

As alterações na deriva são transformadas em metros levando-se em conta a distancia de tiro que está em jogo.

Ao commando «fogo!» faz-se funcionar o canhão-roleta como foi relatado anteriormente e, tomndo-se para origem o ponto M_2 , chega-se a um segundo ponto de queda 2; anuncia-se o resultado da nova observação e assim continua o exercicio até que o director dé por terminado o tiro.

Os tiros não observados serão arbitrados por esta autoridade, aproveitando circumstancias favoraveis como sejam: engano na construção graphica, superposição de pontos de queda, etc. Do mesmo modo, o director poderá modificar ligeiramente os dados da observação a transmitir para o commandante do tiro; isto corresponderá ás imperfeições das observações. Finalmente, pode-se suppôr que as condições atmosfericas variam durante a execução do tiro; esta variação se traduz por deslocamentos dos pontos médios, impostos de vez em

quando pelo director (aproveitar as regulações demoradas por effeito de erros commettidos pelo commandante do tiro).

Eis ahi como se realiza o tiro na sala; a explicação é um pouco longa quando dada por escripto; mas, a execução é muito mais simples do que se imagina á primeira vista. Pelo que foi descripto, vê-se que a construcção graphica não é mais que um *levantamento dos pontos de queda*, realizado na região do objectivo; é como si o director do exercicio ahi estivesse e transmittisse os resultados dos tiros taes como são vistos dos observatorios; um official subalterno com certa habilitação para desenho não terá dificuldade em ir marcando os pontos M_1 , 1, M_2 , 2, etc. O que se deve observar é que um ponto médio qualquer seja determinado tomndo-se para origem o ponto médio anterior; e que nunca se annuncie ao commandante do tiro a observação relativa ao ponto médio, e sim a relativa ao ponto fornecido pelo canhão. A função do canhão-mudo é introduzir, para cada commando feito, o coefficiente resultante da dispersão, tal como se passa no tiro real.

O tiro na sala assim concebido presta-se admiravelmente ao estudo dos diferentes processos de regulação e mecanismos de tiro de efficacia; é suficiente considerar sempre a construcção graphica como um levantamento dos pontos de queda e figurar no desenho a planta do objectivo, na mesma escala adoptada.

Pode-se ainda imaginar que as peças da bateria não têm o mesmo regimem e então fixa-se para unia ou mais dellas um certo numero de desvios provaveis que representarão os desvios systemáticos correspondentes ao desgaste.

Um exercicio interessante será começar por uma preparação regular sobre uma boa carta em grande escala; com os dados iniciaes aerologicos, topographicos e balisticos fornecidos pelo director do exercicio, o commandante do tiro enche a folha de calculos até á determinação da deriva, angulo de elevação e evento iniciaes. Em seguida procede-se á regulação com o canhão-mudo, obtendo-se no fim a deriva, o angulo de elevação e o evento de regulação. Finalmente, completa-se a folha de calculos com a depuração do tiro.

E' tambem possivel proceder-se a uma regulação por avião; o canhão-mudo dará

A DEPILHA RACIAL

o grupo de tiros de que se precisa para a apreciação do ponto médio dos impactos. Um official na sala do director do exercicio terá as funcções de observador; elle transmittirá a grandeza dos desvios por meio da *sereia* do telephonio, como si fosse a T. S. F. do avião. Os signaes feitos da bateria para o avião serão enviados, por um estafeta, ao observador, por meio de desenhos schematicos dos painéis regulamentares, em pequenos pedaços de papel.

Por ahí se vê que este methodo de instrucção se presta a uma grande variedade de applicações. Por meio delle chega-se a preparar convenientemente todos os officiaes da unidade nas regras e mecanismos dos tiros; e, quando esta preparação é conseguida, as escolas de fogo com tiro real podem ser muito economicas e de grande rendimento; basta que se realisem no terreno os transpor-

tes de tiro e que se leve a regulação aí ser obtido um enquadramento razoável desde que o commandante de bateria tenha demonstrado, na sala, conhecer o mecanismo do tiro que realiza, será um desperdicio de munição prosegui na regulação até o fim.

E assim, em uma mesma secção de tiro real, podem ser chamados ao comando da bateria muitos officiaes, em poucas horas.

Será a desejar que todos os officiaes de artilharia tenham na sua mesa de trabalho um pequeno canhão-mudo. Por meio d'elle, o estudo do R. T. A. será feito experimentalmente, e o grafico collocado deante dos olhos, será um critico inexoravel das decisões tomadas, porque, no caso de má applicação das regras de tiro, a posição dos pontos de queda accusa logo o erro commettido.

CAP. SILIO PORTELLA.

INDUSTRIA MILITAR

«Não se luta com homens contra o material, já é um aphorismo de guerra, nascido e propalado na ultima conflagração mundial.

As industrias aperfeiçoadissimas dos paizes contendores, puzeram em mãos dos seus exercitos, uma quantidade tão grande de engenhos destruidores de toda a ordem que, provado ficou, á evidencia, que muito mais pode que um agglomerado de soldados patriotas e dispostos até ao sacrificio, um material de guerra, aperfeiçado e mortifero, manejado por mãos competentes.

Facil, sabendo fallar ao patriotismo e bons sentimentos dos homens, sempre bravos quando se trata de defender o sólo sagrado da Patria, improvisar um exercito em seus elementos humanos.

Difficil, impossivel mesmo, quando não se possue, ao menos, uma industria particular desenvolvida, dotar este exercito de todo o material complexo, factor inseparavel da victoria, diante do qual foi parado o impeto super-humano que animou os Exercitos Francezes, no inicio da conflagração precipitada.

Desta dura experientia nasceu o aphorismo, com que iniciamos o nosso artigo.

Sendo assim, parece-nos, um cuidado todo particular deverá ser prestado pelo Poderes Publicos á criação da *Industria Militar*, entre nós embryonaria, capaz de dotar o Exercito do material de guerra preciso.

Não serão jamais percos dos officiaes afastados para dedicarem-se a esse Exercito não vive só como vimos, estes são os improvisar.

Tão patriotico, tão meritorio é o serviço prestado por um official quepende as suas energias a conduzir e instruir homens, como d'aquelle que empregá em um trabalho, obscuro e culto, estiolando-se nos gabinetes e oficinas das fabricas e dos arsenaes.

Em um paiz, como o nosso, de industria particular ainda rudimentar incapaz de suprir a deficiencia da industria militar, ao contrario do que sucedeu nos Estados Unidos no ultimo periodo de conflagração europea, não ha fugir a dilemma: ou se crê a industria militar official ou se fomenta o desenvolvimento particular, sobre bases tacs que tornem apta a ganhar aquelle caracteristico, quando necessario.

Um paiz que, sob os methodos modernos de guerra, é obrigado a abastecer-se do material respectivo em mercados estrangeiros longínquos é um paiz fatalmente talhado para a derrota. Não mais o tempo em que a bravura pessoal, manejando a lança e a espada, vencia nos campos de batalha: Osorio é hoje uma lenda.

Quem ignora que sómente fabricas e arsenaes, trabalhando ininterruptamente, terão capacidade de fornecer o grande

stock de munições exigido pelo emprego actual da Artilharia e da Infantaria?

Por isso a nós parece, tão importante educar officiaes e formar reservistas, quanto dedicar o governo o melhor dos seus esforços á criação da *Industria Militar*, unico factor capaz de tornar-nos, de facto, uma potencia sul-americana digna deste nome, em condições de preencher no continente as suas gloriosas missões.

CAP. ARTHUR J. PAMPHIRO.

A administração militar e o serviço da Intendencia da Guerra

(Continuação)

Em nosso primeiro artigo mostramos que, o intendente da guerra, como colaborador e conselheiro technico do comando, deve ser ouvido na preparação da ordem, relativamente a alimentação e reabastecimento. Vejamos hoje o

Papel do Intendente da guerra como chefe de serviço

Tomada a decisão e dada a ordem pelo Comando está terminado o papel de esforço-maior relativamente ao serviço; papel novo começa para o intendente, «pois uma ordem enuncia uma eventualidade, não resolve um facto e, em cada dominio da actividade humana, existe uma technica, é, um conjunto methodico de processos de acção, variaveis com a materia atada, os meios e o objectivo.» Cabe agora ao intendente dirigir os serviços de que é chefe de modo a assegurar a execução da ordem do Commando.

Para isto, prepara as disposições tecnicas desta execução e as notifica ao pessoal sob suas ordens. É a parte essencial de suas funções em campanha. Cumbe desenvolver o plano que concebeu e propôr ao Commando as ordens de mentação e reabastecimento. Desde este momento acha-se preso ao caso concreto, ordens e instruções, que agora dirige, autoridade própria e inteira responsabilidade, ao pessoal e órgãos de que chefe, devem constituir um programa de acção completo, serem precisas, nuciosas, coordenadas entre si e, sob tudo, realizaveis.

Nesta parte de sua função subordina-se apenas aos superiores hierarchicos da linha technica; assim, por exemplo, o intendente divisionario, embora usando da indispensavel iniciativa, age segundo as directivas e instruções do intendente de exercito, etc.

Para o cabal desempenho de seu papel, é indispensavel, ao intendente chefe do serviço: um conhecimento previo e perfeito dos esforços que pode pedir ao pessoal, do rendimento de que é capaz o material e da duração das diversas operações a effectuar; é ainda necessario um conhecimento actual e completo do efectivo de que dispõe cada orgão administrativo, do estado de fadiga do pessoal, do local onde se acha este, das distancias a percorrer antes de começar o trabalho, das condições das instalações, etc.

Por mais ponderadas e estudadas que tenham sido as ordens, nem sempre poderão ser integralmente realizadas; frequentemente a situação militar terá mudado, ou, então, um accidente, uma circunstancia atmospherica, uma demora, etc., impedirão que certas medidas se executem nas condições previstas pela ordem; o intendente, informado a cada instante sobre a marcha dos serviços, deve achar-se sempre prompto a reparar os erros, modificar uma determinação, orientando incessantemente o pessoal que executa no sentido do fim a attingir, que é a satisfação das necessidades das tropas. Para isto, é preciso apprehender o que é possivel e o que não o é, decidir rapidamente entre as diversas soluções e dar instruções sempre precisas.

A Intendencia da Guerra em campanha

Em campanha cabe á intendencia os seguintes encargos:

1.º) organização, direcção e execução dos serviços de subsistencia, fardamento, equipamento, arreamento, acampamento, etc., e a ordenação das despezas destes serviços;

2.º) o soldo e mais vantagens pecuniarias do effectivo em armas;

3.º) verificação das contas de distribuição e consumo referentes aos fundos e materiaes dependentes de seus serviços;

4.º) verificação das contas dos corpos de tropa e administração do pessoal sem tropa;

5.º) fiscalização dos serviços de tesouraria e correio, nos limites previstos pelos regulamentos.

A esta enumeração convém juntar as funcções de officiaes de Registro Civil, taes como recebimento de testamentos, etc.

Todas estas atribuições os intenden tes da Guerra exercem de accordo com regras simples, estabelecidas em instruções especiaes. Todas ellas se applicam a actos necessarios; mas, diversos são os esforços que exigem, pois as necessidades dos militares em campanha apresentam-se com diferentes graus de urgência. Evidentemente, o serviço de subsistencia tem uma importancia capital; seu funcionamento é diario, apresenta sempre difficuldades novas, creando uma pre-occupação constante e absorvendo grande parte do tempo do pessoal da intendencia.

Mas, não basta que o soldado se alimente bem, é preciso achar-se sufficientemente agasalhado e provido de todos os accessorios que tornem possivel a vida em campanha, com todas as suas fadigas. O capote e a manta, principalmente, são peças cujas qualidades devem ser objecto de serios cuidados; sem calçados o infante não vae longe, e estes se estragam rapidamente e difficilmente se concerta nos periodos de marchas; o equipamento deve se achar completo e provido de utensilios de acampamento, que permittam ao soldado, em qualquer situação, o preparo de seu alimento, pois não é prudente contar sempre com o concurso das cosinhas moveis.

Manter todos estes artigos ao completo, assegurar sua renovação, prever o fornecimento a novas unidades, tal o fim do serviço de fardamento e equipamento.

Ainda mais: um exercito tem necessidade constante de dinheiro e á intendencia, que dispõe dos creditos, cabe vel para que os fundos sejam sufficientes para o soldo e mais vantagens pecuniarias das tropas, assim como para o pagamento de numerosas compras e fornecimento

Emfim, embora attenuado, o serviço de contabilidade se não extingue em campanha; sem elle, sem esta serie de papeis que acompanham todo acto administrativo, e que a muitos parecem fastidiosos por não comprehendêrem sua utilidade, desordem reinaria logo no seio do exercito e, como consequencia, afóra os abusos, a plethora em certos logares e penuria em outros. Cumpre, pois, a intendencia assegurar a regularidade das contas e, sem se mostrar mesquinha, no momento em que todas as molas da energia militar se acham tensas para o fim superior da victoria, deve velar para que nenhuma dispendiosos se não percam e inutilisem, para que cada um receba o que lhe é devido, porém nada mais do isto.

Entre todas as atribuições enumeradas referente á alimentação é preponderante. As demais, cujo exercicio se simplificam em campanha, passam a segunda categoria.

Com effeito, fardamento, equipamento numerario, etc., por mais necessarios que sejam, não são cousas que se possam obter em qualquer parte e a hora exacta provêm sempre de armazens da retaguarda e pode-se esperar sua chegada, é quanto das providencias tomadas em tempo de paz; os viveres ao contrario, nem sempre poderão provir da retaguarda, muitas vezes é necessário procural-os no local reunil-os e leval-os ao consumidor. Sua necessidade é sempre urgente e renacente e representam um peso e volume consideraveis.

O effectivo dos exercitos modernos, rapidez do começo das guerras actualmente e os movimentos que as seguem, dão ao problema da alimentação da tropa notável importancia, tornando-o quasi insolvel aquelles a quem cabe tal tarefa não disponerem de meios de transporte aperfeiçoados e sufficientes, e de um serviço perfeitamente organizado.

iciativa e dever de todo commandante de corpo ou destacamento

Na guerra é impossivel prever todas as eventualidades que se podem presentar, não raras vezes os estados-maiores achar-se-ão impossibilitados de ar, em tempo util, ordens relativas a alimentação da tropa, ou ainda, as ordensadas com este fim encontram obstaculos não previstos.»

Nestas condições, e na ausencia dos officiaes generaes, ou impossibilidade de bter delles uma solução em tempo util, abe a todo Commando de corpo ou destacamento prescrever por iniciativas proprias as disposições capazes de prover ás necessidades da tropa, notadamente a alimentação dos homens e cavallos. Em caso de urgencia, podem mesmo introduzir modificações nas ordens do Commando e as instruções technicas dadas pelos intendentes da Guerra aos officiaes de aprovisionamento, visto como, após a expetição de taes ordens ou instruções, dificuldades imprevistas e insuperaveis, possam-se produzir.

Acções susceptíveis de ser impostas ás tropas

Antes de mostrar a organização e funcionamento do serviço de subsistencia em campanha, convém advertir que, seja qual for a confiança que esta organização nos inspire, por mais perfeito que seja o funcionamento do serviço, por maior que seja o devotamento e competencia do pessoal delle encarregado, será sempre possível terem as tropas de supportar privações; pois:

«Garantir, de maneira completa, a alimentação dos grandes exercitos em uma guerra de movimento, é problema que nunca foi resolvido e, provavelmente, não será para o futuro.» (Bronsart).

A historia atesta que em todas as guerras, em todos os exercitos e em todas as épocas, essas privações foram sendas.

«É preciso não esquecer que a tarefa de alimentar um grande exercito é rude e se renova incessantemente. Não se come todos os dias, nem diariamente se abastece a tropa em munições, mas, sempre é preciso viver.»

«Encarar a eventualidade das privações ás tropas poderão ter de supportar,

talvez pareça perigoso a certos espíritos, que ahí verão apenas a confissão antecipada da importancia da organização administrativa, para satisfazer ás necessidades da tropa, em dadas circumstancias. Mas, um general que no momento de empenhar uma accão prevê sua linha de retirada, não está, evidentemente, condenado a bater em retirada.»

«É preferível encarar com sangue frio e sem idea preconcebida a eventualidade das privações e procurar os meios proprios a conjurar seus perigosos effeitos sobre o moral das tropas e disciplina dos exercitos.» Este meio é indicado pelos regulamentos.

«Convém elevar bem alto o espirito e o coração do soldado e persuadil-o que a salvação da patria dependerá tanto de suas aptidões para supportar as fadigas e privações da guerra, como de sua tenacidade, bravura e conducta no jogo.»

É preciso, pois, desde o tempo de paz, fazer o soldado ver a eventualidade das privações e inculcar-lhe o espirito de resignação, afim de evitar de sua parte criticas e queixas, que fariam perder a confiança em seus chefes.

Os alemães em seus regulamentos fazem os soldados comprehendêr que a guerra tem necessidades crueis, que nem sempre a vontade dos generaes, e o zélo do pessoal administrativo poderão vencer, por mais ciosos que sejam do bem estar de suas tropas.

«A violencia da guerra faz bom comércio com a vida humana e pede mesmo, da parte dos homens, esforços de tal modo extremos, que as constituições as mais robustas acabam por succumbir; ella pode, pois, impôr privações momentaneas de alimento.»

Mas, Commando e Administração têm o dever comum de proporcionar ás tropas uma alimentação tão abundantemente e regular quanto possivel, esforçando-se para que as eventualidades de privações sejam raras.

Todavia este dever não pode ser o objectivo capital.

«A preocupação de poupar as tropas no combate, de diminuir suas fadigas e assegurar sua subsistencia, só tem logar quando as circumstancias o permittem.»

«Este principio não é talvez muito humano, mas a guerra em si não é uma obra philantropica e, por outro lado, recusando supportar em tempo opportuno privações

moderadas pode-se arriscar a comprometer o sucesso da guerra e ter ainda de supportar perdas, misérias e sofrimentos extremos». (Schellendorf).

«Não ha força humana que possa lutar com os elementos ou impotencia das previsões e, por outro lado, as operações inimigas podem frequentemente produzir modificações e perturbações na execução do serviço; ninguem pode obstar que epizootias destruam os rebanhos, que a região atravessada seja pobre de recursos, que as estradas estejam impraticaveis e as pontes destruidas; que os corpos tenham

mudanças imprevistas de posições e que as provisões immobilisadas judiciosamente de manhã achem-se á tarde muito distantes das novas posições da tropa.

«O soldado deve estar preparado para tudo esperar, porque terá dias de privações; mas a prova não excederá o que se tem de pedir-lhe; as privações, as fadigas, as proprias vidas, constituem o preço unico por que se compra o sucesso». (Schellendorf).

TTE-CEL. ACCACIO F. CORRÉA,
Intendente da Guerra

DA PROVINCIA

DO 4º R. A. M. — ITÚ — Reunião de Officiaes

Inicio do curso de monitores

(Programma do anno de instrução do 4º R. A. 1922/23; Bim. Rtal. de 30 e 31 de Outubro; addto. do I. G., de 22 de Novembro).

Snr. Cmte. do R.! Snrs. Officiaes e sargentos do I. G.! Meus Snrs.

Na «2.ª Reunião dos officiaes do Grupo», que tivemos ensejo de realizar a 1-6-22, assim resumi os «problemas de organização da instrução» (era este o assumpto da sessão):

1. NECESSIDADE URGENTE DA PARTICIPAÇÃO DOS SARGENTOS NA INSTRUCCÃO.

2. NECESSIDADE INADIAVEL DE CONDEMAR O ENSINO EM MASSA, isto é, necessidade de fraccionar racionalmente os instruindo em turmas.

3. NECESSIDADE ABSOLUTA DE BEM APROVEITAR O TEMPO DA INSTRUCCÃO, evitar que esteja apenas a correr o tempo por sobre os homens mantidos em fórmula sem ocupação, ou á margem da formatura.

Ao enunciado do primeiro ponto, acrescentava eu que é contrasenso que tal sargento seja poupad na pesada lide do ensino ás praças, a pretexto de que lhe falta capacidade; e, após uma citação de varios passos de regulamentos, assim resumia:

... São abundantes as disposições regulamentares que querem, indiscutivelmente, a participação dos sargentos na instrução.

Aliás a necessidade dessa participação se impõe á mais leve reflexão, seja qual for o aspecto pelo qual se encare a situação delles na tropa, seja o destino de seu escalão na hierarchia militar, ou o papel que lhes é reservado na organização dos trabalhos de tropa.

Porque então não é ella observada? Isto é, qual o motivo de termos sargentos que não participam da instrução?

«Ninguem tem dúvida que a chave desses tres problemas essenciais da organização da instrucción está na aptidão profissional dos sargentos.

Isto é, nem todos os nossos sargentos... são sargentos; muitos são apenas porta-divisas, são incapazes de darem conta de qualquer ramo da instrucción corrente dos soldados, nem se fale então do seu preparo proprio.

Mas ahi ha um círculo vicioso: tal sargento é inaproveitável, não vae á instrucción, porque não sabe — e elle nunca vem á saber alguma cousa, porque não vae á instrucción.

Depois, os sargentos não são obrigados a ser ardorosos; tanto maior o merecimento dos que o são. E os que não tem ardor, tem como terrível contrapeso a esperteza: se, por não saberem, são deixados em paz, nada melhor, tolos seriam — pensarão elles — se fossem procurar aprender».

Até aqui é que eu queria agora chegar nessa relembrança do que achei conveniente dizer aos Snrs. officiaes do G., quinze dias depois de haver assumido seu cdo., e como consequencia das observações por mim feitas nesse periodo, que era o mesmo da minha estada no R. E assim queria, para que os officiaes e sargentos partilhassem commigo do legitimo prazer que todos devemos experimentar ao notar que, de entanto para cá, sensivelmente mudou o quadro, para muito melhor. Aos Snrs. officiaes e sargentos felicito pelo ardor e bôa vontade com que logo tomaram a peito a solução do problema, pelo real progresso que conseguiram em pouco tempo, e lhes traduzo, nesta feliz oportunidade, o meu reconhecimento pelas excellentes qualidades profissionaes ahi postas em accão.

Na «observação final» de meu additamento n.º 2 ao Bim. Rtal. de 22 deste, em que planejei a «instrucción dos sargentos» do I. G. para o mezo de Dezembro, periodo especial, que hoje começa, em que vamos proceder a uma intensiva revisão dos conhecimentos dos sargentos com vistas ás necessidades de seu esti-

prego como monitores, ex-vi do programma do anno de instrucção no 4.º R. A., disse eu:

«Espero que os Srs. Cmtes. de baterias encararão intelligentemente a nova difficultade que lhes resultará dessa frequente subtracção de seus sargentos, tão necessarios ao ensino dos recrutas; saberão vencel-a redobrando sua atenção na organisação desse ensino e na execução».

Repetindo aqui esta observação, não é meu intuito renovar, porque seria superfluo, uma exhortação aos Srs. Cmtes. de bia; meu intuito é aproveitá-la para certos esclarecimentos que hão de ser úteis. A saber:

— Das aulas que terminam ás 13,15 os sargentos irão directamente para suas bias, afim de participarem na instrucção das praças que começa ás 13,30 (Pontualidade no encerramento das aulas pelos Srs. officiaes encarregados da instrucção dos sargentos!)

As aulas que começam ás 6,30 e ás 14,00 não inhibem os sargentos de collaborarem nas suas bias, para o inicio da instrucção das praças (6,00 e 13,30); pedirão licença a tempo para irem a sua instrucção especial, de modo que não cheguem atrasados.

— O aproveitamento de algum cabo, anspeçada ou praça prompta de que disponha a bia, a utilização mesmo de recrutas mais espertos, são expedientes que servirão para combater o mais possível, apesar de tudo, o ensino em massa aos recrutas, nas horas em que faltam os sargentos.

Depois, «já uma feliz adaptação dos programas semanais da instrucção dos recrutas» ao calendario das escolas collectivas dos sargentos reduzirá grandemente a perturbação por estas produzida. E finalmente o pequeno prejuízo que sempre haja será de prompto resarcido, logo que entrem a funcionar os monitores retemperados.

A este propósito retomo um trecho da exposição por mim feita na referida reunião de 15.6.

E' NA MÃO DOS OFFICIAES QUE ESTÁ A COMPETENCIA DOS SARGENTOS, e com ella a chave dos problemas de que nos estamos ocupando. (Organização da instrucção).

Importa a todo transe preparamos os sargentos para darem instrucção. Não impede que para lá chegarmos tenhamos de atravessar, — como inevitavelmente sucederá — uma phase critica, em que para elles e para os officiaes haverá uma sobrecarga de trabalho e em que mesmo arrostaremos que d'issó se resinta, passageiramente, a instrucção a dar ás praças.

Essa crise será um mal de pouca duração, a que nos sujeitaremos «de bom grado, prelizando os benefícios que forçosamente havemos de colher desses sacrifícios...» a propria disciplina lucrará porque os sargentos, entregues ao exercicio de sua função de instructores, mais legitimamente sentirão a sua superioridade sobre os soldados, e estes terão concretizada a razão da diferença hierarchica. O sargento que «sabe» fica mais satisfeito de si mesmo, tem a cabeça mais levantada. O soldado, por mais inculto que seja, no fim de pouco tempo adquire uma notável perspicacia: elle percebe que fulano e sierano não dão instrucção, tendo entretanto nominalmente a mesma função que os outros; sua subordinação, seu culto á disci-

plina, seu respeito para com os primeiros, existirão certamente, mas terão raizes muito frageis.

Para terminar, vamos relêr, em adequado extracto, o programma a que devem obedecer as escolas collectivas do Grupo, ora na imminencia de serem iniciadas:

PLANO ESPECIAL de revisão dos conhecimentos dos sargentos, com vistas ás necessidades do seu emprego como monitores.

1. *Duração do periodo especial: 1 a 22 de Dezembro.*

2. *Escolas collectivas do Grupo. Assumptos:*
a) instrucção physica.
b) instrucção a pé propriamente dita.
c) instrucção geral.
d) artilharia.
e) do cavalo e do arreioamento.

Observações: 1.ª — Todo o ensino nesses assumptos será ministrado caracteristicamente como preparação de monitores.

Os demais assumptos, especialmente os peculiares ás funcções individuais dos sargentos, serão dados, se possível, a cargo das baterias.

2.ª — Os programas detalhados (ver adiante n.º 4) serão traçados tendo em vista: 1.º uma judiciosa ordem de precedencia das matérias; 2.º uma perfeita harmonia entre a necessidade de, pela pressão do tempo, fazer o ensino intensivo e a de fazê-lo meticoloso; e 3.º, que os assumptos que fôr impossível tratar nesse periodo, á mingua de tempo, farão objecto preferido da ulterior instrucção dos quadros.

4. *Encarregados da instrucção.* — Categorias a e b (seis sessões, material da 3.ª bia.) Snr. Tenente Newton Franklin do Nascimento.

Categoria c (10 sessões) e e (3 sessões) Snr. Tenente Edgard de Paula Costa.

Categoria d (12 sessões, material da 1.ª bia.) Snr. Tenente Ramiro Gorreta Junior.

Observação: Os Srs. encarregados organizarão um mappa de frequencia dos instruendos, onde explicarão com uma palavra (por sua vez abreviada em uma letra) o motivo das faltas e fornecerão aos cmtes. de bias. a nota da instrucção dada para que esta figure no respectivo registro geral.

Approvo os programas detalhados que me foram apresentados pelos Srs. Tenentes Paula Costa, Franklin Nascimento e Gorreta.

Tudo espero da dedicação e intelligencia destes officiaes, bem como, já lo disse, da intelligencia e boa vontade dos cmtes. de bias, e da aptidão dos sargentos.

Vae o Snr. Tenente Paula Costa dar a sua primeira lição.

Agradeço o comparecimento de nosso cmt. e fiscal e dos Srs. officiaes e sargentos ido II G.

Tenho dito.

Encerramento do curso de monitores do no mez de dezembro

Meu cmt.! Meus camaradas, Srs. Officiaes e sargentos do I Grupo e do III!

O implacável rodar do carro do tempo, ao qual nada detém, nos trouxe ao termo do periodo especial de instrucção dos sargentos,

periodo planejado para este mês de Dezembro e rigorosamente executado.

Foram três semanas cheias e ninguém como vós, os Cmfs. de bia., os encarregados da instrução colectiva dos sargentos nos G. e os instruidos, pôde agora orgulhar-se da tarefa realizada. Vós, que sentistes dia a dia a pressão dos trabalhos e a sua repercussão, tão transmittir-se ella integralmente e em todos os sentidos, nos demais domínios da nossa faina quotidiana, tendes agora, e deveis ter, o maior prazer, a mais legítima satisfação de attingires este apice e contemplardes atraç de vós quanto andamos, subimos, progredimos, melhoramos, nessas tres memoráveis semanas.

Não nos illudamos, porém, sobre o resultado atingido: se é incontestavelmente muito, reconhecemos com coragem que muito mais é o que nos falta andar, subir, progredir, melhorar. E por isso é que nos programmas para a instrução dos sargentos no tempo restante do 1.º periodo, programmas que estão prompts e de que estou inteirado, existe a previsão de que os Snsr. Cmfs. de G. inserirão por iniciativa sua, de acordo com o que observarem ou por solicitação dos instructores e cmfs. de bia., lições em prolongamento das do programma de Dezembro.

Seja como fôr, levando em conta que foram só tres semanas de trabalho, reconhecemos com agrado que muito é o que se fez e reflectimos corajosamente que muito é o que resta a fazer, demandando como sempre e acima de tudo o zelo pessoal de cada um, princípio soberano da nossa competencia profissional, encerrado no n.º 1 do art. 421 do R. I. S. G.: «Ter pelo preparo proprio e pelo de seus subordinados a dedicação que o sentimento do dever militar, de dignidade e honestidade profissional exijam».

Uma coisa sobre todas recommendo aos Snsr. monitores que observem quando no exercicio da sua função de agentes, ministros do ensino aos nossos homens: Não se degradem pela propria inscincia ou irreflexão ou desattenção ao chato papel de mérulas machinas de emitir vozes de commando; observem sempre e sempre, vigilamente, a execução do que commandem, e corrijam infatigavelmente as incorrecções que ocorram. E' este um principio geral, fundamental da arte de commandar e que leva ao fracasso quem o esquece: não se deve ordenar, commandar senão o que possa ser executado; sempre se deve fiscalizar se é executado o que se ordenou, commandou.

Mais alguns conselhos. Prevejam as principaes incorrecções que costumam aparecer nos principiantes e apliquem este outro principio: ensinando como se faz correctamente determinado exercicio, mostrem tambem quais os principaes erros que poderiam ser commettidos e que devem ser evitados.

Não sejam impacientes com os seus instruidos; se pudessem da 1.ª vez acertar tudo, na 1.ª semana ficar sabendo tudo, não precisavam levar o anno inteiro a trabalhar e a retocar; o serviço militar poderia durar menos e, sem dúvida, o Governo, sempre atropellado pela ansia de fazer economias, já teria decretado a redução do tempo do serviço militar.

Releiam de vez em quando os magnificos princípios do R. I. S. G. relativos á norma de conducta do instructor ou monitor. E sempre

que tenham a cumprir uma tarefa de instrucção repassem na respectiva parte do Regulamento uma cuidadosa leitura; por mais competente que seja o instructor, mesmo que se trate de um velho Capitão, inveradadamente traquejado desde tenente, sempre o curso da lição lucrará com essa recapitulação e organização previa.

Levem o regulamento para a aula e não tenham cerimonia de tiral-o do bolso e ler o passo que venha ao caso, quando surgir alguma duvida.

Para isso, fundamentalmente, está claro, tem de possuir os regulamentos. Já é um testemunho de falta de zelo, um sargento não possuir os regulamentos de que necessita, felizmente bem poucos. A biblioteca regimental, segundo diz o art. 87 do R. I. S. G., incumbe-se da encomenda; o livro sahe mais barato do que se o comprador mandasse elle mesmo buscal-o pelo correio, e o Regimento facilita a paga em prestações.

Não quero alongar esta palestra com detailladas referencias aos diversos assumtos da instrução que figuraram no programma ora desenrolado. Provavelmente, e com mais oportunidade, os Snsr. Cmfs. de G. o farão por occasião da abertura do segundo curso, em Janeiro. Contudo, quero recommendar-vos, por exemplo, um estudo ainda mais apurado, e uma execução ainda mais exacta do R. Cont., porque tem um prodigioso effeito psychologico a correcta observancia da tradicional etiqueta militar, conjunto de regras tidas e havidas por bôas, nas mutuas attitudes a conservar entre os militares, conforme a situação; attitudes sempre de deferencia, acatamento, atenção. E quem diz effeito psychologico, tem dito effeito sobre todas as faces do bloco interio que deve ser o valor militar do soldado.

Não resisto á tentação de precisar um ponto capital nesse particular de continencias: é o acto de encarar o superior. Isso é elemento capital em qualquer continencia, seja qual for a situação em que se applique. Sem encarar o superior, sem «olhal-o nos olhos», não é continencia. Sem encarar o superior, a continencia não tem ponto de applicação, parece feita no vacuo, parece abstracta, quem sabe feita a algum invisivel superior, habitante no mundo.

Não vou desmentir a affirmation de que não quero aqui entrar em pormenores. Os nossos homens vão agora desfrutar uma dispensa de Natal e Anno Bom e passados 15 dias estaremos todos de volta, a postos, retemperados elles pelo sadio contentamento de haverem visitado os seus, logo no principio da separação, que é quando ella mais pesa, e todos nós archi-promptos para fazer e exigir que nossos subordinados façam mil e uma cousas das que preparam, perfezem o soldado e o mantêm no mais alto nível. Até ao fim de Janeiro o pessoal das duas chamadas ha de estar homogenizado e o aspecto do pessoal do 4.º R. A. M. ha de ter tomado seu facies definitivo. No começo de Janeiro, então, como já disse, terão maior utilidade, pela imminencia da applicação, certas recomendações sobre detalhes da instrução.

Vamos hoje separar-nos aqui com a consciencia do dever cumprido e com o tacito compromisso de sustentar o fogo, que a vitória é

nossa». E é com especial agrado que aqui consigno uma observação muito significativa, que como eu, todos vós haveis de ter feito nestes últimos dias.

Com a elevação do nível da instrução dos sargentos, foi se impondo a reflexão de que na tropa nem só a instrução é tudo. Concedamos, e com toda a justiça, que a instrução é de facto a mola real de tudo. E' o que fica entre nós praticamente comprovado. Com o comer vem a vontade. Por outra: o comer e o coçar, a questão é começar. Embora no princípio faltasse o apetite a alguns... com a instrução veio o gosto por ella, veio o desejo de saber e de fazer e esse desejo estendeu-se para fóra do âmbito da instrução.

Diz o R. I. S. G. em seu artigo 161 que «os sargentos são auxiliares do Capitão e dos subalternos na instrução, disciplina e administração da bateria». Na administração: Confessemos que isso andava seu tanto no olvido; era um viveiro abandonado, inexplorado, rico entretanto de recursos capazes de proporcionarem resultados surpreendentes na bona ordem de todas as numerosas coisas e coisinhas, em geral tão aborrecidas, que entendem com o alojamento, o fardamento, o armamento, o equipamento, a montaria e o arreiamento das praças. Diz ainda o R. I. S. G. em seu artigo 165, n.º 4, que aos 2.^{os} e 3.^{os} sargentos compete verificar se as suas praças tratam e arrumam o que lhes pertence ou lhes está entregue e os artigos 213 e 214 encerram prescrições peculiares á artilharia quanto á contribuição dos sargentos nas questões de administração.

Tive grande prazer ao constatar que em todas as baterias já se vão applicando tão sabios preceitos. E maior, e crescente, e constante, ha de ser o prazer dos cmts. de bia. á vista idos fructos que d'ahi terão múltiplos e fartos. Cada bia. está dividida em quatro peças, cada chefe de taes peças tem organicamente o seu substituto e no impedimento do chefe funciona automaticamente o seu imediato. Essa organização visa não só a instrução, mas, e muito principalmente, a administração. Digo principalmente, porque para a instrução o pessoal pôde sahir e sahe de vez em quando, cada dia, ou em definitivo, da alçada de um chefe de peça para a de outro, o que se não dá na administração. Cada chefe de peça sabe que além da sua carga collectiva, que lhe está distribuída (artilharia, cavallos, etc.), tem que zelarmeticamente por seus homens, sobretudo educal-os na bona ordem e no asseio do seu corpo e dos objectos de uso, especialmente da cama e roupa de cama — guerra aos Exercitos do Codomano — e dos uniformes; mesmo na instrução e na faxina ninguém deve andar roto, Ou a lavadeira remenda ou o proprio homem maneja a agulha e a linha e a arrecadação da bateria fornece subsídios para as tapagens. Os chefes de peça devem fazer questão de não ter um homem que não saiba cozer um botão, remendar um rasgão da roupa. Do equipamento faz parte o material de costura e em manobra on campanha não ha de chamar a lavadeira para applicá-lo.

Com esses cuidados, não mais vêr-se-á o que ha dias viu uma comissão de exame de fardamento. Examinava-se roupa de cama, inclusive a distribuída. Arregacada uma colcha, des-

cobre-se um lençol, nada, absolutamente nad limpo. O Cmt. da bia., ruborizado, murmurou «e ainda hontem se ensinou aos homens que não devem deitar-se de pés sujos». Diz o Cm do G.: «parece que este era um dos plantões de folga, e traquejado: dormiu de botinas. E vae o intendente, com o seu olhar mal agudo, a traspassar o colchão até o fundo «elle dormiu mas foi de esporas» e apontava um rasgão no lençol.

Antes de concluir, quero lembrar a utilidade do caderno de notas para algibeira, onde cada sargento tenha a relação de tudo que está a seu cargo, homens, cavallos e material e vi annotando as alterações ocorridas; por exemplo, data de distribuição, datas de ferragens etc., etc., etc.

Tenho dito.

(Preleção do cap. Klinger, em reunião dos officiaes e sargentos do 4.^o R. A. M., a 22-11-1922).

Um ditamento de boletim

Cdo. DO G.:— Minha investidura no cdo. do 1/4.^o R. A., após um desligamento de duas semanas, decorridas da promoção á classificação, tem meramente o carácter de uma recondução. Desde minha chegada a este R., a 1.^o de Junho do anno p. p., outra coisa não tenho nelle feito senão commandar este Grupo, a titulo interino, exceptuando apenas uns dez dias de exercicio das funções de fiscal.

Assim, portanto, sob o ponto de vista do nosso serviço comum, das nossas relações profissionaes e correlato entendimento mutuo, não surge oportunidade para mim, nem motivo para meus commandados, quer para formular projectos — que estão conhecidos — nem para conceber interrogações — que já estão respondidas.

Sob o ponto de vista pessoal do accesso que afinal me tocou, quasi por antiguidade, também não descubro causa para expansões. Não se choquem os meus camaradas, especialmente os Snrs. officiaes, com esse como impeto de immodestia. E' uma questão de sinceridade, e sempre tive por norma a convicção de que em certos casos «modestia é cobardia», segundo o dizer incisivo em que a traduz o nosso distinto camarada Cap. Corrêa Lima.

Com efeito: Em Setembro de 1920 lograva eu a inclusão do meu nome, pela primeira vez, na lista tripla para a proposta de promoção por merecimento. Tinha então quasi tres anos de capitão, quasi dezoito de official. Devi tão alta distinção ao voto unanime da comissão de promoções, constituída pelos Snrs. Generaes Barbedo, Cipriano Ferreira, Andrade Neves, Ribeiro da Costa, Dias de Oliveira e Rondon, presidida pelo saudoso marechal Bento Ribeiro, o leal e valoroso soldado — ninguém mais do que elle amigo de sua classe — o devotado e nobre cidadão — ninguém mais do que elle adepto decidido da ordem, do direito, da justiça, entusiasta do progresso, da grandeza de nossa Patria.

Não vem aqui ao caso examinar a razão (?) da longa «quarentena» de 27 mezes, pela qual passei, de então átē a recente promoção — a primeira na especie decretada pelo novo go-

erno. Vejamos ali que ha uma grave imperfeição na nossa lei de acesso, em permitir a sua letra semelhante aberração, ao talante despotico, sem recurso legal, de um detentor da magistratura suprema do paiz.

O que vem ao caso é o meu lícito desejo de convidar meus camaradas a meditarem sobre o que me sucede, desejo esse que se enquadra inteiro no papel de educador, inherente ao pleno exercicio das funções de todo chefe.

A minha conducta responde se esta exhortação estriba-se ou não, ao demais, na autoridade decorrente do exemplo — que, estou convencido, o hei dado durante tão exquisita situação e em toda a minha vida profissional anterior.

O verdadeiro officialato é um sacerdocio e por isso o official que assim o exerce, como deve, tem que manter no seu proceder uma tripla absolutamente céga ás asperezas do caminho.

O verdadeiro official, sempre em marcha com rumo ao cumprimento do dever, tem que ser superior ao tempo, tem que não ceder ás tentações da sombra, do abrigo, da commodidade, proporcionadas pelos atalhos, que illudem a estrada real do dever. Nem pôde o verdadeiro official desvirtuar as suas faculdades, empregando-as em saciar a cobica subalterna, degradante, de agradar a todo transe ou pelo menos não desagradar áquelles que podem recompensar e instigar ou perseguir e injuriar.

O official digno tem no incansável cumprimento do dever o único treinamento capaz de mantel-o á altura das exigencias de seu posto e de preparal-o para os seguintes. Nem deve deixar-se influenciar pela eventualidade de trahirem o dever certos camaradas ou certos chefes, esquecidos de sua responsabilidade, indiferentes á grave significação de funções que lhes incumbem, chefes que chegam, as vezes, acastellados na ausencia de textos que travem o seu desenfremento, a tripudiar sobre os verdadeiros interesses, superiores e permanentes, dos serviços, para melhor satisfazerem seus instintos pessoaes, baixos e, felizmente, transitorios.

Se é certo que imitar os bons exemplos é indicio de bom caracter e essa imitação é o melhor aplauso, tambem sem duvida é falta de caracter conduzir-se mal alguém, para isso fazendo biombo ou escudo de máos exemplos.

O desprezo absoluto aos máos exemplos — na falta de poderes para reprimir-lós — é o melhor castigo aos seus autores.

Cumprimos sempre o nosso dever até ao limite de nossas aptidões, cumpramol-o alegramente com o objectivo puro de cumpril-o; cumpramol-o sem medo de errar, sem segundas intenções, visando quiçá proveitos pessoaes, sem restrições ou contrafações visando poupar-se a obices de qualquer natureza; cumpramos o nosso dever com ardor, apesar de tudo e de todos, se preciso fôr, com a convicção inabalavel de que esse é o supremo dictame da dignidade e da honestidade profissionaes.

BERTHOLDO KLINGER,
Major Cmt. do Grupo

Pela tradição

Tão cheio de patriotismo como o exercito de hoje, como o de amanhã, formado embora do mesmo elemento-homem, o exercito de hontem, vencido pela superioridade technico-profissional e pratica das phalanges de uma nova geração — sempre promissora como todas as gerações novas! — viu derrocar-se com elle toda a fortificação dos regulamentos antigos e sepultar-se em seus escombros de folhas esfarrapadas e amarellecidas pelo tempo e pelo uso, sem gloria nem echo, a empolgante formalidade da — Continencia á Bandeira!

Coisa tão corriqueira, tão ligada ao *tran-tran journalier* da tropa, tão commun na vida da caserna, mas ao mesmo tempo tão essencial a qualquer regulamentação militar, tão indispensavel á formação da alma do soldado, tão elevantada deante das grandiosas concepções da nação armada e da Patria... ficou todavia esquecida no *pêle-mêle* dos novos regulamentos, até que resurgiu em Maio de 1921 com o R. I. R. D.

Surgiu, porém, como uma surpresa de Waterloo, donde menos se podia esperar, pois que, evidentemente, o n.º 25 que trata do assumpto, cuida de matéria não comprehendida no titulo do regulamento: «de inspecções, revistas e desfiles».

Mas surgiu deformada, resuscitou sob outras roupagens, dir-se-ia para acompanhar o modernismo da epoca, modificando toques essenciaes que lhe compunham a solennidade, rompendo com a tradição n'aquillo que não envolve evolução, provocando a memoria das passadas gerações que defenderam esta mesma Patria nos campos de batalha e sentiram melhor do que nós, 50 annos atrás, o prestigio glorioso das tradições que formam a aureola do sagrado Lábaro!...

Rompendo com uma praxe secular, jámais alterada ao sabor dos ventos novos de tantos regulamentos mudados, ao emvez de fazer com que o porta-bandeira, conduzindo o symbolo da Patria perfilado e desfraldado, avance ao passo grave que lhe emprestava tão augusta impoñencia, ao som do Hymno Nacional e das marchas batidas dos tambores e das cornetas ou clarins; ao emvez de metter em forma a Bandeira ao calor retumbante da musica; o R. I. R. D. faz o porta-bandeira estacar deante da tropa a 30 m. de distancia e nessa posição aguardar que cessasse o estrugir dos sons marciaes, para depois, então, terminada a continencia, avançar e entrar em forma, envolvido no silencio tumular que sempre succede aos grandes acontecimentos imprevistos... D'esta forma, a Bandeira atravessa esses 30 metros, solenne sempre pelo seu valor intrinseco, mas como que envolvida no crepe da tristeza, que é sempre irmã gemea do silencio.

Demais, qual a vantagem, não me dirão — pergunto aos quatro ventos, mas dentro do meu Paiz — qual a vantagem obtida com semelhante modificación? Qu'importa que em outras nações se proceda de diverso modo, quando aqui minca fizermos coisa diferente?

Parece uma questão de somenos importancia, reflectindo bem, acredo entretanto, todos os meus camaradas reconhecerão que envolve assumpto muito serio tudo o que tenda a descurpar

as sagradas tradições do Exercito Nacional e da Patria Brasileira, porque a patria que não zela pelas suas tradições soffre dê um mal incurável que a leva á morte.

Só não abrigo semelhante temor em meu peito, porque tenho certeza de que em breve restabeleceremos entre outras tradições esta, da continencia á bandeira, tal qual como a executavam as tropas dos nossos avôs e dos nossos paes,

tal como a aprendi: tudo que é ficticio, que não tem raizes nas tradições e nas tendencias naturaes de um povo, está fadado irremediavelmente a uma existencia ephemera!

S. Gabriel, 24 de Janeiro de 1923.

AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES
Major de Engenharia

NOTAS SOBRE A HISTORIA MILITAR DO BRASIL

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(Continuação)

Expedição contra a columna do major Duarte

O general David Canabarro havia solicitado ao commando geral dos aliados, então em Concordia, alguns reforços, que não foram enviados, posteriormente resolvendo os aliados, em conselho, marchar elles proprios em socorro de Uruguayaná, assentando ainda que, como operação preliminar, era preciso bater a columna do chefe Duarte, que marchara pela direita do rio Uruguay.

Foi designado para essa operação preliminar o general Venancio Flôres, que não poderia contar com o auxilio da esquadra, em virtude das aguas do rio terem baixado na occasião.

O general Flôres iniciou seu movimento a 18 de Julho, á frente do exercito oriental, apenas de 2.440 homens, de 4 batalhões de infantaria brasileiros, do regimento de cavalaria argentina denominado San Martin e de 8 canhões, tudo no total de 4.200 homens, tendo como auxiliares os chefes Goyo Soares, Henrique Castro, Nicasio Borges, Leon de la Palma, orientaes, e José Rodrigues Coelho Kelly e Fidelis Paes da Silva, brasileiros.

Os caminhos estavam pessimos e o frio intenso, mas a columna avançou, o commando geral ordenando que o general Pauñero, em observação no interior da província de Corrientes, marchasse em auxilio do general Flôres.

A 13 de Agosto as duas forças se juntaram, ficando a expedição aumentada de 4.500 homens e 24 bocas de fogo, e ambas prosseguiram na direcção do adversario, o general Madariaga, com sua cavalaria argentina, fazendo a vanguarda.

O adversario estava nessa occasião em Passo de los Libres, em frente á Uruguayaná, na margem opposta do rio, e dispunha de 3.500 homens.

Avisado da approximação da columna aliada, o chefe Duarte pediu reforços ao coronel Estigarribia, mas este, que também não se sentia seguro, respondeu-lhe que só poderia oferecer-lhe um oficial bravo para commandar a divisão que operava na margem direita do Uruguay, unica necessidade de que ella se ressentisse.

Estimulado por essa resposta, o chefe Duarte tratou de aprestar-se para a luta, retirando-se

da villa e indo procurar posição junto ao arroio Yatahy, aproveitando-se dos valles, cercos e dobras do terreno para sua defesa.

O local por elle ocupado tinha o nome de Umbusito.

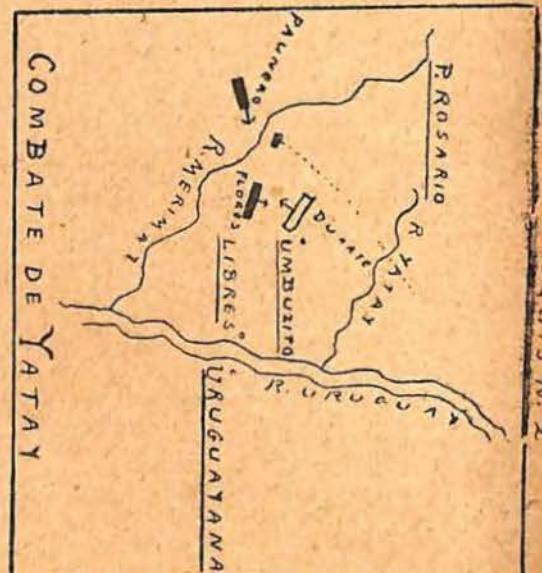
Dahi avançou elle na direcção dos aliados mas, tão depressa reconheceu sua inferioridad numerică, retrocedeu para o ponto de partida.

Os aliados haviam então atingido o arroio Capiquisé, onde esperavam receber o choque do adversario; mas, tal não tendo acontecido, avançaram elles a 19 sobre Passo de los Libres em linha de columnas, seguindo na vanguarda a brigada de cavalaria do general Madariaga, apoiada por outra brigada, commandada por Goyo Soares.

Tão logo essa cavalaria avistou o adversario abrigado nos accidentes do terreno, passou para o flanco esquerdo da columna, desembraçando-lhe a frente.

Travou-se, então, o combate.

Combate de Yatahy



O general Venancio Flôres, avistando o adversario em posição, adeantou-se um pouco com a infantaria oriental, o 16.º batalhão brasileiro e a artilharia, procurando estabelecer a linha

de combate, feito o que algumas companhias e atiradores, avançando, rechassaram os paraguaios de sua primeira linha de defesa, não obstante apoiada ao longo dos valles existentes.

Em defesa da linha, a cavallaria inimiga tarregou sobre as companhias aliadas, mas um regimento oriental embargou-lhe a carga, travando com ella violento choque á arma branca e rechassando-a, afinal, depois de infligir-lhe algumas perdas.

Assim brilhantemente defendidas, as companhias aliadas conseguiram alcançar a 2.^a linha adversaria, rechassando-a.

Nessa occasião chegaram as forças do general Paunero, que logo tomaram posições para a luta.

O general Flôres ordenou então que uma bateria de artilharia do commandante Nicasio avançasse, mas esta, em sua marcha de acesso, embarcou-se nas depressões do terreno, de modo que o general Paunero, observando o incidente, fez avançar uma bateria argentina, que entrou logo em acção.

Travado o combate, os paraguaios tiveram de ceder o terreno deante do formidável choque dos aliados, que avançaram resolutos, a despeito da bravura extrema com que o inimigo pelejava.

O chefe Duarte em vão procurou restabelecer a ordem em suas linhas, suas tropas a nada entendendo e recuando desordenadas em direcção ao passo do arroio Yatahy.

Aproveitando a situação, a cavallaria aliada entrou em acção, aprisionando, graças a um movimento envolvente habilmente realizado, 600 paraguaios, entre os quaes o proprio chefe Duarte, que imediatamente entregou a espada.

Sem commando, maior tornou-se a desorientação do adversario, que, encontrando por fim o passo do arroio Yatahy ocupado pela cavallaria dos chefes Madariaga e Goyo Soares, outro recurso não teve senão a fuga em desordem.

Os paraguaios tiveram na acção 1.700 mortos, 1.200 prisioneiros, inclusive o commandante Duarte, e 300 feridos, perdendo 4 bocas de fogo, 4 bandeiras, muito material bellico, calhada, etc.

Cahiram tambem prisioneiros neste combate os coronéis orientaes Apparicio e Orrego, que serviam na columna paraguaya.

Os aliados tiveram 83 mortos e 217 feridos, dos quaes 17 officiaes, inclusive o bravo coronel Fidelis Paes da Silva, do 16.^o regimento homens de — combate de Yatahy ou de Umbuzito.

Esse combate é conhecido geralmente com os nomes de — combate de Yatahy ou de Umbuzito.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — Os aliados alcançaram o objectivo procurado, que era a derrota da columna do chefe Duarte, e o fizeram com tal felicidade que aprisionaram até o proprio chefe paraguaio.

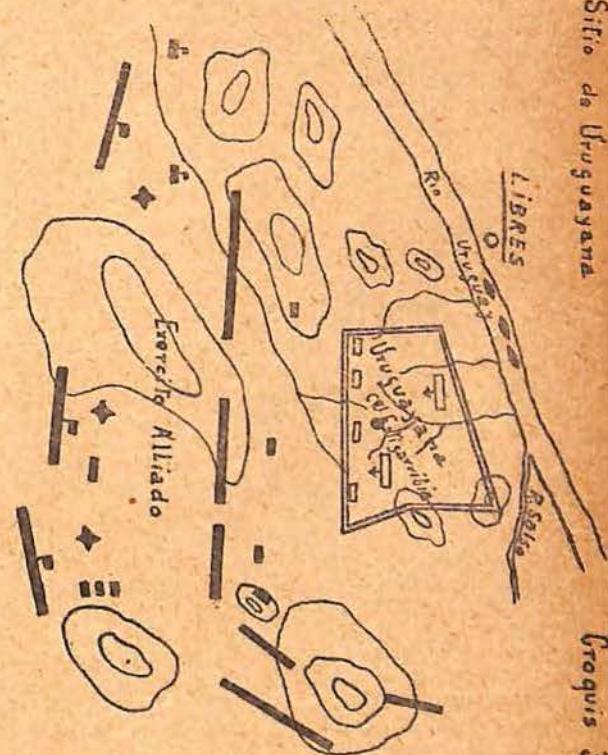
Entretanto, deveriam ter ordenado que a columna do general Paunero, mandada em auxilio do general Flôres, convergisse directamente para a retaguarda do adversario, ocupando o passo do arroio Yatahy.

Desse modo a victoria teria sido muito mais facil e a operação mais de acordo com as normas da arte da guerra.

Paraguaios. — O chefe Duarte, avançando para Umbuzito, cuja posição lhe pareceu mais favoravel á projectada resistencia, commeteu a grave imprudencia de deixar á mercé dos golpes adversarios o passo do arroio Yatahy, cuja posse lhe era de capital importancia, resultando dahi o encontro-o ocupado quando precisou retirar-se por esse ponto.

De facto, quando se establece um plano geral de combate, seja elle offensivo ou defensivo, jámais se deverá esquecer a hypothese do insuccesso, pois na guerra os melhores planos muitas vezes fracassam inesperadamente. Portanto, o commando precisará sempre assegurar préviamente uma linha de retirada, afim de que um simples insuccesso não se converta em completa derrota, tal como se deu no caso considerado.

Rendição de Uruguayana



Encerrado em Uruguayana, o coronel Estigarribia não pudera tomar parte com sua columna no combate de Yatahy, limitando-se a ouvir o troar da artilharia e da fuzilaria na margem opposta do rio Uruguay.

O general Flôres, porém, após o combate, comunicou ao general Caldwell o successo obtido e ambos enviaram então uma intimação ao coronel Estigarribia para que se rendesse, sendo garantidas as vidas de todos, desde que depuzessem as armas.

O chefe paraguaio repello a intimação com arrogancia, declarando que anciava exactamente

Sítio de Uruguayana

Croquis 3

pelo momento de medir-se com seus adversários no terreno da luta.

A vista disso, os aliados, com os reforços recebidos, começaram a apertar o sitio.

O inverno transcorria terrível, officiaes e praças morrendo enregelados nas avançadas, de modo que a situação do adversário se tornava insuportável.

Cançado, afinal, de esperar pelo assalto e vendo que de dia para dia a situação peiorava, resolveu o coronel Estigarribia forçar as linhas aliadas.

Assim, pela madrugada de 19, tomou elle a offensiva com extrema impetuosidade, mandando incendiar préviamente as carretas e tudo quanto pudesse tornar morosa a sua marcha.

Entretanto, não foi feliz na empreza, pois que, mal investiu elle contra os aliados, o bravo 17.º corpo de guardas nacionaes penetrou na povoação, atacando a guarda da retaguarda da columna inimiga e só retrocedendo quando a referida columna regressou às trincheiras.

No dia imediato, chegou afinal o general barão de Porto-Alegre, nomeado commandante das forças em operações no Rio Grande do Sul, lançando ferros no mesmo dia defronte a Uruguayan os vapores de guerra *Taquary* e *Tramandahy*, com algumas tropas de reforço e 2 chatas, esses vapores, auxiliados pelo *Uruguay*, iniciando imediatamente o transporte das tropas dos generaes Flôres e Paunero para a margem esquerda do rio Uruguay.

O novo commandante assumiu suas funções a 20 de Agosto e desde logo perpassou pelas tropas um fremito de alegria.

Pouco depois, no dia 31, o vice-almirante Tamandaré, em um pequeno navio, apareceu defronte ao Passo de los Libres, descendo a conferenciar em terra com os chefes aliados allí presentes.

Nessa conferencia as opiniões dividiram-se. Os chefes Flôres e Paunero opinavam pelo ataque imediato a Uruguayan, mas assim não pensavam os chefes brasileiros, visto como tinham elles noticia de que D. Pedro II para alli se encaminhava, assim como sabiam que novos reforços já estavam em marcha.

Além disso, o ataque a Uruguayan redundaria na destruição da villa e os generaes brasileiros, judiciosamente aliás, queriam poupar-a.

Ficou resolvido, então, na conferencia, enviar-se uma segunda intimação aos paraguayos, para que se rendessem, o que foi feito a 2 de Setembro.

O chefe Estigarribia, porém, mais uma vez recusou capitular, o que declarou a 5 em termos como sempre arrogantes, e essa conducta foi consequência do boato então corrente de que o dictador Solano Lopes, à frente de 25.000 homens, marchava aceleradamente em socorro do referido chefe, conforme solicitação sua.

A vista da recusa do coronel Estigarribia, o vice-almirante Tamandaré regressou a Concordia, afim de conseguir algum reforço de infantaria, e ahi convidou o general Bartholomeu Mitre a ir a Uruguayan, onde era esperado D. Pedro II.

O general argentino aceitou o convite, passando o commando das tropas ao general Manoel Luiz Osorio.

Embarcaram Mitre e Tamandaré a bordo vapor *II de Junho*, acompanhados de um forço de infantaria transportado a bordo *Iniciador*, chegando a 10 de Junho em Uruguayan.

Ahi se achava o ministro da guerra, Ang Ferraz, posteriormente barão de Uruguayan que fôra preparar a recepção do monarca brasileiro.

O adversario preparava-se para a resistência arrazando as casas da entrada da villa, rizando as fortificações, etc., no dia 8 obteve o coronel Estigarribia permissão dos sitiados para que as famílias se retirassem.

O imperador chegou na manhã de 11 acampamento aliado, mandando erger a tenda na linha brasileira, e pouco depois os chefes se reuniram de novo em conselho.

Os generaes Mitre e Flôres opinavam pelo ataque imediato aos paraguayos, mas os chefes brasileiros não concordaram ainda dessa opinião. Consultado a respeito, D. Pedro II apoiou a opinião dos chefes patrícios, entendendo que o ataque só deveria ser realizado depois exgotados todos os meios suassorios.

Pela Constituição brasileira, o imperador podia assumir o commando das tropas, nem por isso sua opinião deixava de ser atada, como devia ser.

A situação das tropas sitiadas peiorava diariamente e o chefe Estigarribia planejou a fuga do que foram os aliados informados por um desertor paraguayo que se apresentara faminto e que disse que os seus patrícios já lançavam mão até dos cães e dos ratos como alimento.

Com essa noticia, os sitiados apertaram o cerco, redobrando a vigilância para evitarem fuga do adversario.

Uma columna commandada pelo general oritel Henrique Castro aprisionou uma patrulha que transportava correspondencia de Estigarribia para o dictador Lopez e, graças à vigília incessante dos sitiados, não pôde o chefe paraguayo realizar o seu intento de fugir para o Passo de los Libres, apezar de haver preparados necessarios elementos para isso, canhões, jangadas, etc.

Pela manhã de 18, porém, os aliados preparam o ataque, pouco antes decidido.

Assim, 12.393 brasileiros, com 22 peças, 3.802 argentinos, com 24 peças, e 1.220 uruguayos, com 8 peças, approximaram-se das trincheiras adversarias, circulando-as em columnas de ataque.

No centro viam-se D. Pedro, seus ajudantes e o ministro da guerra, tendo o vice-almirante Tamandaré e o chefe de esquadra De Lamare embarcado na frota, composta então do *II de Junho*, *Taquary*, *Tramandahy*, *União*, *Uruguaiana* e 2 chatas.

Ja iniciar-se a acção e antes disso os generaes Mitre e Flôres foram cumprimentados D. Pedro II.

O barão de Porto Alegre, recebendo as ordens imperiales, enviou ao coronel Estigarribia, pelo capitão Cruz Brilhante, a ultima intimação para que se rendesse.

Recebendo-a e após algumas objecções quanto ás condições impostas, o chefe paraguayo resolveu render-se, penetrando então na villa os generaes Ferraz e Caldwell.

Já antes disso, porém, a situação era tal nas feiras sitiadas que vários soldados brasileiros e cavalaria, para divertirem-se, avançavam até as trincheiras inimigas e traziam na garupa dos cavalos soldados paraguaios que se deixavam aprisionar sem reacção, tal o estado faminto em que se achavam. Eles tinham a esperança, que aliás se realizava, de encontrarem o alimento e o carinho que aos próprios adversários já não faltaram nos acampamentos brasileiros.

Assignada a capitulação, depuseram as armas 59 officiaes e 5.131 soldados paraguaios.

O imperador consentiu que o chefe Estigarribia conservasse a sua espada, o que não obteve a que o dictador Solano Lopez posteriormente considerasse o chefe seu patrício como traidor à Pátria.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — A ocupação de Uruguayan pelas paraguaios, como vimos, foi obra exclusiva do desasco com que o general Canabarro desempenhou as suas funções, deixando o inimigo lançar quando poderia ter obstado que elle transpuzesse, como transpoz, os rios Ibicuhy e Toro-passo.

Da conducta do general brasileiro resultou uma perda considerável de tempo para os aliados, que se estagnaram deante de Uruguayan, enquanto o dictador Solano Lopez arregimentava forças mais consideraveis, aumentando ao mesmo tempo os seus recursos bellicos.

Entrincheirando-se na villa brasileira, os paraguaios neutralizavam em parte a actividade do adversário, pois que surgiu a ponderação dos generaes brasileiros, justamente preocupados em poupar a florescente villa dos horrores fatais de um bombardeio, com o que também concordaria, como dissemos, o imperador D. Pedro, embora convencido, como devia estar, de que o factor tempo precisava ser levado em conta, no interesse das operações ulteriores. Quanto mais tempo se perdia no sítio de Uruguayan, tanto maiores os obstáculos futuros a vencer.

Paraguaios. — O coronel Estigarribia por 1ª vez, encerrando sua columna na praça de Uruguayan, abdicou do grande elemento de sucesso com que poderia contar — a liberdade de ação — tornando-se voluntariamente prisioneiro desde logo.

E provável que elle contasse com o auxílio apotumno do seu chefe supremo, mas mesmo assim não deveria spontaneamente encerrar-se em uma praça forte organizada ás pressas e sem os elementos necessarios a uma resistencia eficaz e prolongada.

Entregando sua linha de comunicações ao adversário, pois que a não poderia manter garantida, dada a sua enorme extensão, esqueceu-se elle ainda de que as praças fortes são óptimos pontos de apoio, mas são também perigosas ratoceras.

O resultado dessas inadvertências foi a capitulação, que era fatal, e a perda de uma columna que poderia ainda prestar muitos serviços ao seu paiz.

A segurança do serviço de ligação das duas columnas, a do chefe Duarte e a do chefe Estigarribia foi muito mal realizada, dando logar

a que uma simples lancha a vapor brasileira fosse suficiente para impedir o serviço, isolando-se as columnas, que desde logo se viram condenadas a serem batidas por partes, como, de facto, o foram.

Marcha para a fronteira paraguaya

(Carta 2)

Após a capitulação de Uruguayan, as tropas orientaes regressaram á margem direita do rio Uruguay, a elles reunindo-se pouco depois em Restauracion (Passo de los Libres) as tropas brasileiras e argentinas vindas de Concordia.

Reunidas, iniciaram elas, a 1 de Outubro, tendo á frente os generaes Mitre e Flóres, o avanço rumo de Mercédés, para onde já se encaminhavam as tropas aliadas do commando dos generaes Osorio e Gelly e Obes, então na altura de Curuzú-Cuatiá.

O imperador percorreu ainda parte da fronteira do Rio Grande do Sul, indo a Itaqui e São Borja, e regressando em seguida para o Rio de Janeiro.

Durante sua estadia no acampamento, recebeu elle uma grata notícia relativa á política externa: — a rainha da Inglaterra enviara-lhe um emissario com o fim de apresentar-lhe desculpas pelo incidente que motivara em 1863 o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Inglaterra, ficando assim reatadas as relações dos dois paizes.

Em Outubro de 1865, chegou, finalmente, a Mercédés o exercito aliado, composto de 20.000 brasileiros e 10.000 argentinos e uruguaios, que assim ficaram a 40 leguas do Empedrado, onde o adversário se encontrava.

O general Cáceres, com sua cavallaria correntina, continuava hostilizando o inimigo, que já não estava ali commandado pelo general Wenceslao Robles, mas sim pelo coronel Isidoro Resquin, mandado buscar em Matto Grosso, promovido a general e nomeado substituto de Robles.

Este havia sido preso, destituído do comando por intrigas de seus patrícios e pouco depois fuzilado por ordem do dictador Solano Lopez.

Reconhecendo, afinal, que lhe haviam falhado todos os planos de invasão efficaz, o presidente paraguayo decidiu retirar a columna de Corrientes para o territorio do seu paiz, onde passaria então á defensiva.

A 23 de Outubro estava o general Resquin com suas tropas em territorio paraguayo, sem ter sido perturbado pela esquadra brasileira, que encontrará sérias dificuldades na navegação.

A esquadra só conseguiu atingir Corrientes no dia 25, já lá se achando desde 23 o general Cáceres com sua cavallaria.

Então o general Cáceres combinou com o chefe Barroso cortarem a retirada das tropas do chefe Diaz, que ainda se achavam no territorio correntino e tinham protegido a passagem do grosso das tropas paraguaias, mas essa operação fracassou, pois que, quando o chefe Alym, posteriormente vice-almirante barão de Iguatemy, encarregado da operação, atingiu com seus navios as Tres Barras, já o adversário se havia posto a salvo.

Durante sua estadia em Corrientes, os paraguaios arrebanharam e transportaram para o seu paiz mais de 100.000 rezes.

A 23 de Dezembro, o general Osorio chegou com suas tropas a Lagôa Brava, 1 legua apenas aquem de Corrientes, após penosa marcha de 100 leguas, a partir de Concordia, por sua vez a columna argentina alcançando São Cosme, e as tropas orientaes ás ordens do general Flóres em Itati.

Nessa situação permaneceram os aliados durante 4 longos meses, preparando os elementos para transporem o rio Paraná!

Nada menos de 42.200 combatentes, dos quais 30.000 brasileiros, ali estavam nas proximidades do Passo da Patria, sendo que a esquadra havia augmentado o seu efectivo.

Entretanto, o marechal Solano Lopez soube aproveitar bastante todo esse tempo. Mandara fortificar poderosamente o Passo da Patria, que os aliados pouco depois tiveram de forçar á custa de dobrados sacrifícios.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — Depois da rendição de Uruguaya-na, o avanço rapido para a fronteira era uma operação que se impunha, pois que o adversario, então no Empedrado, estava arrebanhando em Corrientes toda a sorte de recursos de que dispunha essa província argentina.

Basta dizer que só em gado, como dissemos, haviam sido arrebanhadas e transportadas para o Paraguay mais de cem mil cabeças.

Demais, a toda demora na invasão do território inimigo corresponderia um augmento proporcional dos meios de resistência do dictador Lopez.

Entretanto, parece que assim não pensaram os aliados, que se arrastaram penosamente pelas estradas sem disso se aperceberem, dando ensejo a que o adversario se retirasse tranquillamente de Corrientes, levando tudo quanto foi possível transportar.

Apenas o general Caceres procurou cumprir o seu dever, hostilizando quanto possível o adversario. Se mais não conseguiu elle, foi porque lhe faltou o concurso opportuno da esquadra no momento em que ainda era possível cortar a retirada das ultimas tropas paraguaias.

Parece que aos aliados, ao mando do general Mitre, só era racional pegar o touro pelas guarnas, como se diz na gyria popular.

A idéa de manobra não lhes sorria nunca.

Paraguaios. — Os paraguaios, a principio sob as ordens do general Wenceslao Robles e posteriormente sob as do general Isidoro Resquin, desempenharam regularmente a missão que lhes fôra confiada: arrebanhar todos os recursos possíveis na província invadida e subverter a população correntina, se bem que fossem infelizes nessa segunda parte da missão.

A propria retirada, depois que o presidente Lopez decidiu passar á defensiva, foi habilmente realizada, como vimos, pois que até o destacamento de protecção á passagem do rio, operação delicada e perigosa, dada a possibilidade de uma intervenção naval opportuna, conseguiu salvar-se a tempo, graças á sagacidade do commandante Diaz.

Combate de Corrales

Os paraguaios quasi que diariamente faziam correrias pelas margens do rio, alarmando tropas aliadas, e em uma dessas correrias seprehenderam o destacamento do general Hornos, que fazia a vanguarda das tropas general Caceres, rechassando-o até o arroio Pehuajó.

O general Hornos verificou que o adversario havia desembarcado em Corrales e comunicou o facto ao commando em chefe, e destacou o coronel argentino Emilio Conesa com 1.800 homens e 2 canhões, para reforçar as tropas daquele general.

Recebendo o reforço, o general Hornos combinou com o coronel Conesa o seguinte plano: o destacamento de Conesa se emboscaria, depois de transpor o arroio Pehuajó, e o general com sua cavallaria, procuraria atrair o adversario em direcção conveniente.

Posto em execução o plano, os paraguaios cahiram na cilada, atravessando o Pehuajó e perseguindo a Hornos, que se retirou para imediações de San Juan. Mas, quando já puximos da emboscada, o coronel Conesa deu alarme em momento inopportuno, de sorte que os paraguaios retrocederam rapidamente, centrando-se em Corrales, sitio elevado eerto.

Comtudo, os argentinos tomaram a offensiva, travando a lucta, os paraguaios nessa occasião tendo recebido um reforço de 200 homens ao mando do tenente Saturnino Vieiros.

A acção transcorria favorável aos argentinos que dispunham de 2.500 homens e conseguiram desalojar o inimigo de alguns pontos quando apareceu o coronel Diaz com um forço de 800 homens para os paraguaios.

Nessas condições, se bem que conservando posse do campo de acção, os argentinos tiveram de desistir de seus intentos, depois de 5 horas de lucta encarniçada.

Uma divisão argentina, do commando do coronel Rivas, marchará em socorro dos combatentes, mas chegou demasiado tarde, tendo de acampar também proximo ao adversario, que na manhã seguinte repassou o rio Paraná em canóas, hostilizado aliás pela artilharia gentina.

Nesse combate, que se travou a 31 de Janeiro de 1866, os paraguaios perderam 300 homens e os argentinos 402, entre mortos feridos.

O presidente Solano Lopez considerou como victoriosas nessa acção as suas tropas e instituiu por isso uma medalha commemorativa do feito.

CONSIDERAÇÕES

Alliados. — O combate descripto, de que resultou a perda de 402 argentinos, demonstrou quanto era descurado o serviço de vigilância nas margens do rio Paraná, dando lugar a que o inimigo frequentemente viesses surprehender e perturbar as tropas aliadas.

Foi tambem consequencia da inercia em que se quedaram os aliados, acampados durante 4 longos meses ás margens do rio, á esperança de recursos para transpol-o.

Parece mesmo incrivel que um exercito se paralysasse deante de um obstaculo sobejamente conhecido por falta de recursos para vencê-lo!

Paraguayos. — Como operação de pequena guerra, que afinal era a predilecção dos paraguayos, o combate de Corrales produziu alguns resultados, mas que alias não foram compensadores do sacrificio despendido.

A inerzia lamentavel do commando em chefe

aliado forneceu-lhes oportunidades de sobra para operações de muito mais vulto e mais proveitosos resultados, mas elles não souberam aproveitar-se da situação, contentando-se com ligeiras escaramuças sem valor algum tactico nem estrategico, nor sua vez perdendo tempo impropositivamente.

(Continua)

CAP. NILO VAL.

FACTOS & NOTAS

GRUPO MANTENEDOR

Foram eleitos membros do nosso Grupo Mantenedor os capitães Sylvio Lourenço Scheleider e Alcides de Mendonça Lima.

MARECHAL CELESTINO ALVES BASTOS

Falleceu inesperadamente a 9 do passado o marechal reformado Celestino Alves Bastos, que até Julho do anno findo ocupára com brilho o alto cargo de chefe do Estado-Maior do Exercito.

Era praça de 18 de Janeiro de 1872, alfres-aluno de 23 de Janeiro de 1877, 2.º tenente de 25 de Maio de 1878, 1.º tenente de 25 de Julho de 1880, capitão de 25 de Junho de 1884, major de 4 de Abril de 1893, tenente-coronel de 29 de Novembro de 1901, coronel de 5 de Agosto de 1908, general de brigada de 8 de Abril de 1914 e general de divisão de 28 de Junho de 1919. Tinha o curso de artilharia pelo reg. de 1874, era engenheiro civil pela Escola Polytechnica e commendador da Legião de Honra.

Official de grande prestigio pelas suas virtudes civicas e militares, sua morte foi dolorosamente sentida por todo o Exercito, que sempre o teve como um dos seus mais brillantes elementos.

GENERAL DE BRIGADA JOÃO AUGUSTO CURADO FLEURY

O Exercito Nacional passou pelo rude golpe de perder ha pouco, nesta capital, um dos seus mais prestativos membros, o coronel João Augusto Curado Fleury, promovido a general depois do seu falecimento por um acto de grande justiça do governo.

Era praça de 7 de Fevereiro de 1890, alfres de 3 de Novembro de 1893, tenente de 24 de Dezembro de 1902, capitão de 30 de Dezembro de 1909, major de 28 de Outubro de 1914, tenente-coronel de 8 de Fevereiro de 1918, coronel de 14 de Fevereiro de 1920. Tinha o curso geral pelo reg. de 1898 e era da arma de cavallaria.

Deixou entre os seus camaradas uma profunda saudade, pois que sempre se caracterisara pelas virtudes que possuia em alto grau.

GENERAL VIRIATO CRUZ

Falleceu tambem ha pouco o general reformado Viriato Cruz, que foi da arma de cavallaria e se reformara no posto de coronel.

Tinha um longo passado de serviços, quasi todos prestados nas guarnições das fronteiras do Rio Grande do Sul.

MARECHAL PEREIRA FORTES

Foi sepultado a 16 do passado, nesta capital, o corpo do marechal reformado Francisco de Paula Pereira Fortes, um dos veteranos da guerra do Paraguay.

Nasceu em 1840, tendo sido reformado em 1892, com 41 annos de serviços, e possuindo as medalhas de campanha concedidas pelo Brasil, pela Republica Argentina e pelo Uruguay.

REPRESENTANTES D'A DEFESA NACIONAL

Acabam de honrar-nos, aceitando as funções de nossos representantes, os seguintes camaradas:

- Tenente-coronel Euclides Bandeira, junto á 2.ª Linha, em Curityba;
- Capitão Herculano de Assumpção, junto ao gabinete do M. G.;
- 1.º Tenente Henrique Loureiro, junto ao D. C.;
- 1.º Tenente Maurilio Monteiro, junto á C. C. A.;
- 1.º Tenente Adalberto M. de Andrade, junto ao forte do Vigia;
- Sargento Gregorio E. de Souza, junto á Escola de Sargentos de Infantaria;
- Alumno Newton O. de Souza, junto á Escola Militar;
- 1.º Tenente Raymundo V. Fontenelle, junto ao 27.º B. C.;
- Capitão Victor F. Lapagesse, junto á Fabrica da Estrella;
- 1.º Tenente José Gabriel Marques, junto á Força Publica de Minas;
- 1.º Tenente Celestino E. de Oliveira, junto á 2.ª Linha, em Belo Horizonte;
- 1.º Tenente José Fedullo, junto ao 3.º Batalhão de Engenharia;
- 1.º Tenente José de Mello Mattos, junto ao 5.º R. A. M.;
- Major Dr. A. Alves Cerqueira, junto á E. V. E.

ESCOLA DE CAVALLARIA (Belgica)

Essa Escola, que funcionará provisoriamente em Terweren, passará para Braschaet, onde já se acha a escola de artilharia.

A escola compreenderá novamente:

- 1.º um centro de estudos tecnicos;
- 2.º um curso para alferes de reserva, que receberá 80 sargentos;
- 3.º uma escola de sargentos;

4. um curso de aperfeiçoamento para os alfres da activa;
5. um curso de equitação;
6. um curso para officiaes das armas não montadas;
7. um curso de ferradores.

SUBMARINOS DAS GRANDES POTENCIAS

A situação actual é a seguinte:

Estados Unidos 94.600 ton., das quais 40.808 em construção.

Grã-Bretanha 80.476 ton., das quais 10.100 em construção.

Japão 32.219 ton., das quais 22.165 em construção.

França 30.873 ton., das quais 0 em construção.

Itália 20.257 ton., das quais 2.616 em construção.

AS 3 MAIORES POTENCIAS MARITIMAS

	Inglaterra	E. U. A.	Japão
Couraçados	16	18	17
Cruzadores	33	16	29
Destroyeres	72	83	56
Submarinos	46	80	19
Pessoal necessário	121.709	139.192	82.150

TANK AMPHIBIO

Em Marselha, França, fazem-se actualmente experiências com um tank que tanto se moverá em terra como em agua, por meio de uma helice de propulsão.

Se as experiências derem bons resultados, não mais se precisarão das pontes improvisadas.

DISTRIBUIÇÃO DE ARMAMENTO (França)

Acaba de ser alterado o regulamento sobre o serviço de armamento da infantaria no sentido de cada arma individual (fuzil, mosquetão, revolver, sabre, etc.), bem como os accessórios correspondentes, serem adjudicados á classe ou individuo que os usa, o qual será responsável por sua conservação; que cada arma collectiva (fuzil-metralhadora, metralhadora, canhão 37, morteiro Stocke, etc.) se afecte ao chefe da fracção menor que a utiliza (chefe de equipe para o fuzil-metralhador, chefe de peça para o canhão ou morteiro, etc.); e que, finalmente, as armas de ensino, de esgrima, de uniforme de passeio, etc., sejam entregues a um individuo ou classe que se responsabilise por ellas.

LIGAÇÃO ENTRE A INFANTARIA E A ARTILHARIA

Nos Estados Unidos, o periodico «The Army and Navy Journal» organizou um concurso com 4 premios, respectivamente de 100, 50, 25 e 15 dólares, para os trabalhos que se apresentem sobre as ligações entre a infantaria e a artilharia. Os trabalhos deverão fundamentar-se nos factos da ultima guerra e definir os meios praticos de realizar as ligações.

OFFICIAES DE COMPLEMENTO

A maioria das universidades norte-americanas estabeleceram aulas constituindo uma Faculdade Militar para educar os futuros officiaes de com-

plemento, tendo como professores officiaes do exercito activo. Isso tem por fim facilitar aos estudantes das Universidades sua preparação para o oficialato de complemento, mediante um sistema racional e methodico de instrução militar, sem perturbar a carreira civil que cada um siga.

A instrução militar da referida Faculdade consta de 2 cursos: um preparatório e outro de applicação, cada um delles sendo de 2 anos. Durante o 1.º se estudam as sciencias militares fundamentaes e no 2.º as matérias particulares da arma escolhida pelo alumno. O ensino é theorico, sendo pratico no que for possível.

ESCOLA DE ESTRADAS DE FERRO (França)

Esta escola, estabelecida em Versailles, foi suprimida, sendo creada uma «direcção de material ferro-viário», encarregada dos estudos e investigações relativas ao material e à aquisição e conservação delle.

DIVISÃO TERRITORIAL MILITAR

A Tcheco-Slovacia está dividida em 4 regiões militares: Bohemia, Moravia, Slovacia e Karpatho-Ruthenia, cujas capitais são respectivamente — Praha, Brno, Bratislava e Uzhorod. Em cada região estão 3 divisões de infantaria.

MOBILISACAO FRANCEZA DURANTE A GUERRA EUROPEA

Os contingentes se mobilisaram na seguinte forma:

	Combatentes	Serviços auxiliares
1 Ag. a 30 Set. 1914	3.818.000	168.000
1 Out. 1914 a 31 Dez. 1915	1.428.000	489.000
1 Jan. 1916 a 31 Dez. 1917	723.000	189.000
1 Jan. a 11 Nov. 1918	245.000	15.000
	6.214.000	861.000

Estes algarismos, sommados com o efectivo permanente que havia em 1 de Agosto de 1914 (760.000 combatentes e 51.000 dos serviços auxiliares) e mais ao numero de officiaes (195.000) representam um total geral de 8.081.000 homens mobilizados.

Nesse total estão incluidos 260.000 homens das tropas coloniaes da Africa do Sul (176.000 argelinos, 50.000 tunesinos, 34.000 marroquinos) e 215.000 das outras colonias (136.000 senegalezes, 34.000 malgaches, 42.000 indo-sinos, 3.000 somalias).

SERVIÇO MILITAR

Recentemente a Russia fixou a duração do serviço militar em 1 1/2 annos para a infantaria e cavallaria, 2 1/2 annos para as outras armas e serviços, excepto a aviação, onde a duração será de 3 1/2 annos.

CARROS DE ASSALTO

Appareceram nos Estados Unidos, em carácter oficial, as seguintes normas para o emprego dos carros de assalto:

— Empregam-se, em geral, para facilitar o avanço ininterrupto, com economia de baixas;

— No ataque a uma posição entrincheirada, precedem a infantaria, destroem as rãdes de arame farpado e os ninhos de metralhadoras, cruzam os fossos e trincheiras e oppoem seu fogo á fuzilaria inimiga e aos carros de assalto;

— Quando conseguem localizar a artilharia adversaria avançada ou os canhões ante-tanks, algumas secções de carros avançam contra esses objectivos, sendo essencial uma estreita cooperação entre os carros e as guerrilhas, para o que será preciso que aquelles se movam com igual velocidade á da infantaria;

— Na guerra de movimento, acompanham as columnas de assalto e avançam de posição em posição, por saltos, para attenuar os efeitos do fogo da artilharia adversa;

— Quando o combate se localiza nos pontos de apoio, ninhos de metralhadoras, etc., se a resistencia for forte, os carros marcham contra elles e, para isso, o chefe da secção ou coluna de carros destaca os carros necessarios, que, em linha aberta, passam pelos intervallos das guerrilhas, a rapidez e a concentração do ataque sendo essenciais; os demais carros continuam avançando, seguindo a progressão das columnas de infantaria, e, tão depressa os primeiros hajam conseguido seu objectivo, se encorporarão á linha geral;

— São de particular utilidade para romper uma linha e para aproveitar o exito, se o adversario se retira; destroem as retaguardas inimigas, com as quaes mantêm o contacto, levam a confusão as baterias da retaguarda, obstruem os caminhos e cortam a retirada mediante a ocupação de pontes e passagens obstrutorias, sendo necessarios a rapidez, um grande raio de ação e uma abundante dotação de munições;

— Empregam-se nos combates de retaguarda, quando a perseguição do inimigo é vigorosa e as proprias retaguardas estão desmoralisadas, a rapidez e a facilidade de manobra sendo então os requisitos mais importantes;

— São uma arma poderosa contra os carros de combate inimigos;

— Devem ser occultos por uma cortina de fumaça que os proteja;

— Empregam-se na defensiva nos contra-ataques para infligir baixas ao inimigo, abater-lhe o moral e destruir suas organizações.

NOVO CANHÃO SCHNEIDER (mod. 1922) (França)

O novo canhão de 75 mm., desmontável, tem os seguintes caracteristicos:

Peso do projectil, granada explosiva	6,500 kg.
schrapnel	7,240 "
Alcance maxímo, granada	13.000 m.
schrapnel	9,500 "
Velocidade inicial, granada	600 "
schrapnel	535 "
Via	1,52 "
Largura das rodas	0,10 "
Pontaria em direcção: 106 millesimos para cada lado.	
Pontaria em altura: + 40° e - 10°	
Peso da peça em bateria	1.300 kg.
" viatura em marcha	1.780 "
" carro de munição carregado	1.864 "

Projectis transportados no carro de munições 24 e 60.84.

SOLDADO-LAVRADOR

No Uruguay, o Congresso de Engenharia Agronomica discutiu um projecto do engenheiro agronomo Roberto Jorge Urta sobre o «soldado-lavrador».

Pelo projecto, seria convertida uma das unidades do Exercito em unidade agrícola ou seleccionado o pessoal que a formasse. O regimen da unidade seria militar, os agronomos dirigentes sendo *assimilados* e os soldados participando dos lucros da produção.

INSTITUTO GEOGRAPHICO MILITAR (Chile)

O governo chileno acaba de crear esse instituto, que disporá de secções de geodesia, topographia e cartographia, sua direcção ficando a cargo de um general.

ESTATISTICA

O Boletim Estatístico do Chile (Julho de 1922) consigna os seguintes dados:

População do paiz em 1 de Julho	3.811.000
Nascimentos	12.148
Fallecimentos	9.180
Matrimonios	2.131

Escolas primarias: — Funcionaram no referido mez 3.084 escolas, com uma matrícula de 390.925 alumnos.

SALITRE E CARVÃO

A producção do Chile em Julho de 1922 foi de 89.217 tons. de salitre e de 121.386 de carvão.

ESTRADAS DE RODAGEM

O Conselho Nacional de Administração (Uruguay) auctorou o ministro das obras publicas a formular dentro de curto prazo um plano especial para a reparação das estradas nacionaes, que são todas macadamisadas.

POPULAÇÃO DO URUGUAY

Em 1890 — 706.524; em 1900 — 936.120; em 1920 — 1.450.000; em 1922 — 1.500.000.

REGULAMENTO NOVO

Foi aprovado o novo «Regulamento de disciplina do Exercito» do Uruguay.

PRODUCCAO DOS ESTALEIROS ALLEMÃES

Em 1914, 440.000 tons.; em 1915, 201.000; em 1916, 106.000; em 1917, 65.000; em 1918, 38.000; em 1919, 155.000 em 1920, 327.000.

Ainda não se conhecem oficialmente os dados referentes aos annos seguintes, parecendo que em 1921 foi de 1.714.000 tons. a producção.

MONUMENTO NO ELBA

Abrio-se em Hamburgo uma subscripção popular para a construcção de um grande monu-

mento em honra á memoria dos 5.087 officiaes e marinheiros mortos na grande guerra como tripulantes dos submarinos alemaes.

O monumento será erigido nas margens do Elba.

SERVIÇO DE TRANSMISSOES (Inglaterra)

Este serviço é desempenhado por um corpo especial, chamado Corpo de Signaleiros (Corp of Signals), organizado da seguinte maneira:

a) *Missão*. — Competem ao Corpo:

1.º Todas as transmissões militares pelo telegrapho, telephone, T. S. F., T. P. S., optica, mensagens, até o escalão brigada de infantaria, inclusive. Abaixo desse escalão, as transmissões são realizadas pelo pessoal das pequenas unidades, mas o Corpo de Signaleiros exerce sobre elle uma accão de coordenação e controle.

2.º A interpretação dos despachos inimigos.

b) *Organização*. — O Corpo está sob as ordens de um chefe (signal officer in chief), que age de acordo com as instruções da secção de operações do Estado-Maior-General.

Em campanha, o chefe das transmissões, em cada grande unidade, dispõe:

1.º Das companhias e batalhões de transmissão affectos á sua unidade ou que elle comande directamente;

2.º Dos chefes de transmissão das grandes unidades imediatamente subordinadas.

O Corpo dispõe, além disso:

Das companhias de construção, compostas de um numero variável de secções de construção (automoveis ou hippomoveis);

Das companhias radiotelegraphicais;

Das companhias de cabos;

Das companhias de exploração e conservação;

Das companhias telegraphicais de ferro-carris.

Os officiaes são reerutados em todas as armas, sendo necessarios os seguintes requisitos: Ter pelo menos 3 annos de serviço como oficial, ter entre 24 e 25 annos de edade, de preferencia, e ter alguns conhecimentos matematicos.

Os candidatos são mandados por 1 anno para a escola de transmissões (School of Signals). Se satisfizerem ao exame final, passarão 4 annos em uma unidade do Corpo de transmissões como aprendizes, depois do que voltarão para seu regimento, por 3 annos pelo menos.

Depois disso, poderão pedir uma 2.ª permanência no Corpo de transmissões, no fim da qual terão direito a uma vaga no quadro do Corpo, se houver, ou a voltar para seu regimento.

Os officiaes das pequenas unidades são mandados para a escola de transmissões, onde passam 13 semanas, voltando depois de 2 annos a um curso de repetição de 6 semanas.

O mesmo se dará com os sub-officiaes.

ORDEM GERAL DO PRESIDENTE ALVEAR

Da «Revista Militar», de Buenos Ayres, transcrevemos, com a devida venia, o seguinte documento, tão bonito na forma quanto no fundo e que bem define a elevação do seu auctor.

«Buenos-Ayres, Octubre 12 de 1922. — El Presidente de la Nacion quiere hacer llegar al Ejercito y Armada su concepto sobre las misiones que les corresponden y de la forma en

que deben ser llenadas, afin de que, bien conocidas, puedan servir de norma a todos sus componentes.

El papel desempeñado en America por el pueblo argentino, como iniciador primero y como ejecutor después de la independencia de una gran parte del continente, le trazaron desde un principio la obligación de vivir en armonia con las naciones hermanas, para laborar así, bajo la égida de la paz fecunda, su propio porvenir, sin egoísmo y sin aspiraciones que pudieran vulnerar el derecho de los extraños. Este amor a la paz, del cual la Nacion Argentina ha dado al mundo pruebas inequívocas, la seguridad de haber alcanzado un grado de cultura y perfeccionamiento democrático que excluye hasta la posibilidad de una alteración de la paz interna, así como el alto espíritu de concordia que ha de guiar a mi gobierno en las relaciones internacionales, no pueden sustraerme al deber de propender al progreso del Ejercito y Armada, dedicandoles toda la atención que se merecen, para que ellos puedan colaborar, dentro de su esfera de acción, en el perfeccionamiento de una grandeza a la que tanto contribuyeron con sus esfuerzos, con sus sacrificios y con ese espíritu de abnegación que constituye su más gloriosa tradición y uno de los más preciados títulos de orgullo del país.

Para que el Ejercito y Armada puedan realizar esa obra se necesita, no solo una organización y reglamentación adecuadas, sino también la observancia de las viejas virtudes marciales, colaboración consciente y leal, iniciativa inteligente y concurrencia de todas las voluntades en la tarea común: el bien de la patria. — ALVEAR».

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assinantes a fineza de comunicarem as mudanças de residencia, afim de se evitarem extravios da correspondencia.

ANNUNCIOS

Preços por semestre

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000
<i>Repetição (por semestre)</i>	
1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	7\$500

BIBLIOGRAPHIA

- Revista de Medicina e Hygiene Militar.
- Revista del Ejército y de la Marina (Mexico).
- Revista Militar (Lisboa).
- O Brasil (Capital).
- Memorial de infantaria (Toledo).
- A Renovação (Perú).
- Medicina Militar (Capital).
- Revista Marítima Brasileira (Capital).